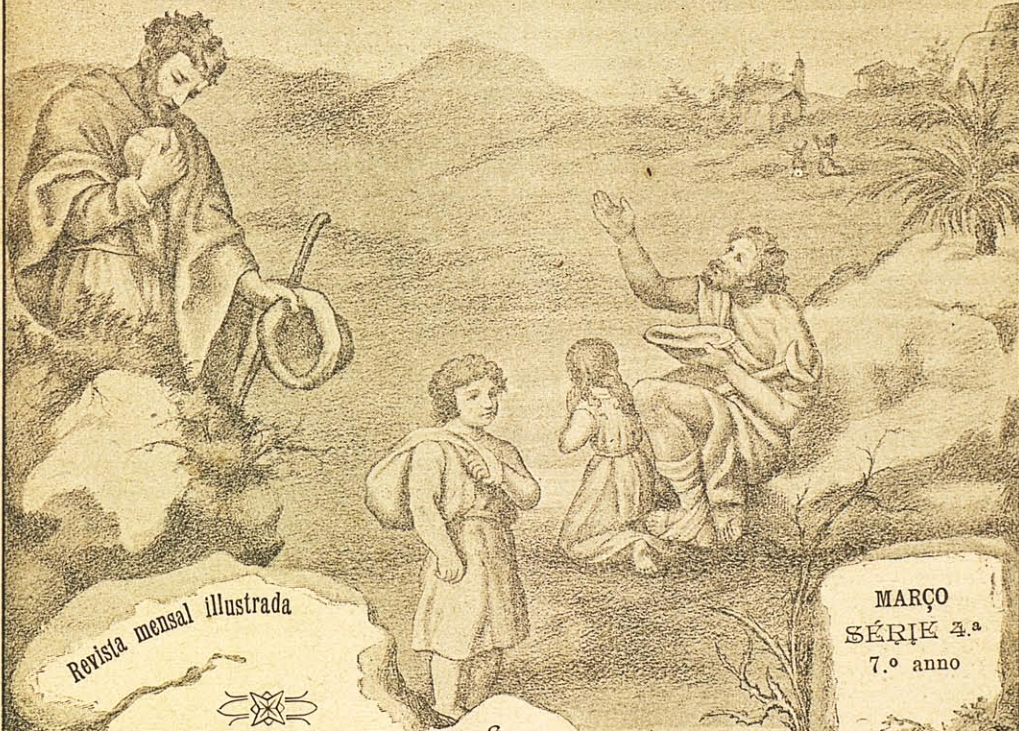


# VOZ de S. Antonio



Revista mensal ilustrada

Abençoada por S. S. o  
Papa Leão XIII pe-  
lo Ex.<sup>mo</sup> Ordinário  
e varios Prelados.

N.º 3

MARÇO  
SÉRIE 4.<sup>a</sup>  
7.º anno

Gautier

Correspondentes da «Voz de Santo Antonio», a quem os nossos estimaveis assignantes pôdem satisfazer a importancia das assignaturas.

*Açores, Angra.* — Exe.<sup>mo</sup> e rev.<sup>mo</sup> snr. Conego Antonio Maria Ferreira, dignissimo professor do Seminario d'Angra.

*Illa das Flôres.* — Santa Cruz, José Ignacio de Figueiredo.

*Illa de S. Jorge.* — Villa das Vellas, Padre José Osorio Goulart.

*Illa de S. Miguel, Ponta Delgada.* — Rua do Passal — João Botelho Moniz.

*Illa da Madeira, Funchal.* — Director espirital do Seminario.

*Alemquer.* — Exc.<sup>mo</sup> snr. José Rodrigues Duarte, Fabrica da Romeira.

*Arcos de Val de Vez.* — Exc.<sup>mo</sup> snr. Fortunato de Sá.

*Aveiro.* — Rev.<sup>mo</sup> snr. Padre José Maria de Souza Marques.

*Boticas.* — Rev.<sup>mo</sup> snr. Padre Antonio Lopes Pereira, dignissimo parochio de Pinho.

*Barcellos.* — Exc.<sup>mo</sup> snr. Francisco Antonio de Faria.

*Castello de Paiva.* — Rev.<sup>mo</sup> snr. Padre Francisco dos Santos e Cunha.

*Castro Daire.* — Rev.<sup>mo</sup> snr. Padre Antonio de Sousa, Abbade da Ermida.

*China, Shanghai.* — Exc.<sup>mo</sup> snr. Hermenegildo Antonio Pereira.

*Coimbra.* — Rev.<sup>mo</sup> snr. Padre João Maria Pinto da Gama, Convento de S. Thereza.

*Covilhã.* — Rev.<sup>mo</sup> snr. Padre José da Costa e Oliveira.

*Elvas.* — Rua da Carreira, 6, Antonio José da Costa.

*Esposende, Forjães.* — Reitor José Manoel Fernandes

*Estarreja.* — Rev.<sup>mo</sup> Prior João Nunes Aguiar dos Santos, Fermelã.

*Famalicão (Gavião).* — Exc.<sup>mo</sup> snr. João José Pinto da Cruz.

*Guimarães.* — Exc.<sup>mo</sup> snr. José Joaquim Gomes da Silva, rua Nova do Commercio, 81 a 84.

*Guarda.* — Rev.<sup>mo</sup> snr. Padre Antonio Bállos Pereira, Parada.

*Lamego.* — Rev.<sup>mo</sup> snr. Padre José Pereira Pinto, capellão do Hospital.

*Lisboa.* — Calçada dos Santos, 31. — Eduar-do Henrique Neves.

*Louzada.* — Rev.<sup>mo</sup> snr. Padre Manoel Ayres Cardoso, Avelleda.

*Mesão-Frio.* — Rev.<sup>mo</sup> snr. Padre Antonio Guedes de Lima, Villa Jusã.

*Ovar.* — Dr. João Maria Lopes.

*Paços de Ferreira.* — Exc.<sup>mo</sup> snr. José Maria de Freitas Carneiro.

*Paderne, Algarve.* — Exc.<sup>mo</sup> snr. José Martins Pontes.

*Paredes.* — Rev.<sup>mo</sup> snr. Padre João de Sousa Pacheco, Britaraes.

*Paredes de Coura.* — Rev.<sup>mo</sup> snr. Padre Narciso C. Alves da Cunha.

*Ponte da Barca.* — Rev.<sup>mo</sup> snr. Padre Antonio Cesar d'Araujo.

*Ponte do Lima.* — Exc.<sup>mo</sup> snr. Manoel Antonio Gonçalves, rua do Souto, 41.

*Porto.* — Capella dos Anjos — Rua dos Bra-gas, Exc.<sup>mo</sup> snr. João Gonçalves Dionysio.

*Poroa de Lanhoso.* — Exc.<sup>mo</sup> snr. José M. Teixeira Malheiro, Senhora do Porto.

*Povoá de Varzim.* — Praça do Almada — Exc.<sup>mo</sup> snr. Moysés Nazareth de Sousa Guerra.

*Rezende.* — Exc.<sup>mo</sup> snr. José Pinto d'Oliveira Soares.

*Selval.* — Exc.<sup>mo</sup> snr. José Augusto Cardoso de Moura, rua de S. José, 33.

*Silves.* — Rev.<sup>mo</sup> snr. Padre José de Sousa Guerreiro, (dignissimo Prior de Silves).

*Santo Thyrs.* — Rev.<sup>mo</sup> snr. Padre José Vicente Correia d'Abreu, (dignissimo Abbade de Santa Christina do Couto).

*Taipas.* — Rev.<sup>mo</sup> snr. Padre Manoel G. Neves d'Escobar, S. Lourenço de Sande.

*Thomar.* — Rev.<sup>mo</sup> snr. Padre Firmino, dignissimo Vigario da Vara, Olathas

*Torres Novas.* — Exc.<sup>mo</sup> snr. José R. dos Santos Gomes.

*Torres Velras.* — Exc.<sup>mo</sup> snr. José Pedro Alexandrino.

*Vianna do Castello e Villa Nova de Cerveira.* — Rev.<sup>mo</sup> snr. Padre Manoel José Esteves, Vianna, Collegio de S. João.

*Villa do Conde.* — Exc.<sup>mo</sup> snr. José Gonçalves das Neves, Arvore.

*Villa Flôr.* — Rev.<sup>mo</sup> snr. Padre Antonio José de Moraes.

*Villa Mei.* — Rev.<sup>mo</sup> snr. Reitor de Mancellos.

*Villa Nova d'Ourem.* — Exc.<sup>mo</sup> snr. Manoel Rodrigues Menino, Gonde-maria.

*Villa Real.* — Rev.<sup>mo</sup> snr. Padre Damião Martins (Collegio).

*Villa Verde.* — Rev.<sup>mo</sup> snr. Padre José Manoel de Macedo, Barbudo.

Em *Bragança* presta-se obsequiosamente a receber o importe das assignaturas a exc.<sup>ma</sup> snr.<sup>a</sup> D. Thereza de Jêsus Vaz Granja.

Em *Chaves* a exc.<sup>ma</sup> snr.<sup>a</sup> D. Amelia dos Anjos Castro (Magdalena).

Em *Basto, Cerveira* a exc.<sup>ma</sup> snr.<sup>a</sup> D. Euprosina Candida de Almeida.

*Brazil, Bahia.* — Rev.<sup>mo</sup> snr. Padre Manoel da Silva Gomes, Seminario.

*Diamantina.* — Rev.<sup>mo</sup> snr. Padre Antonio de Sousa Neves, (E. de Minas Geraes).

*Guaratinguetã.* — Exc.<sup>mo</sup> snr. Victor Amadeu Veiga.

*S. Paulo.* — Rev.<sup>mo</sup> snr. Padre Fr. Silverio de S. Bernardo, Convento de S. Francisco.

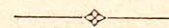
*Porto Alegre.* — Exc. snr. Conego José Marcellino da Silva Bittencourt, (E de Rio Grande do Sul).

*Rio de Janeiro.* — Exc.<sup>mo</sup> snr. J. R. Sucena, rua da Quitanda, 86 a 88.

*Shanghai.* — Exc.<sup>mo</sup> snr. Hermenegildo Antonio Pereira.

Lembramos aos snrs. assignantes que nas localidades onde temos correspondentes, é de maxima conveniencia, que reclamem os recibos sem esperarem que lhes sejam apresentados, minorando assim o incommodo, que os amigos da «Voz» têm com se encarregar da cobrança dos recibos

Esta advertencia fazemol-a principalmente para os assignantes, que vivem distantes dos snrs. correspondentes, os quaes para lhes apresentarem os recibos têm que percorrer distancias.



# Voz de S. Antonio

Redacção e administração: Collegio de S. Boaventura — Braga

## SUMMARIO

Democracia christã.

- I Parte — *Secção Doutrinal*: A Ordem Terceira Franciscana e o Espirito Christão—Atravez das Revistas: Lectures populaires, Voz da Verdade, Revue Franciscaina, etc.—Santo Protector para o mez de abril: S. Francisco de Paula — O anjo de Piedade — Virtude a imitar — Indulgençias, etc.
- II Parte — *Secção Historica*: Rasgos historicos— Pensamentos — Anecdotes e contos moraes.
- III Parte — *Leituras Amenas*: Uma carta de recommendação (Episodio Historico).
- IV Parte *Culto de Santo Antonio*: Convento de S. Antonio de Varatojo— Novos membros da Pia União—O Pão de Santo Antonio em Braga, Atheães, Vianna do Castello, Guimarães, Paredes, Torrão, etc. Recommendações—Os nossos defuntos.
- V Parte — *Secção Scientifico-Litteraria*: A aldeia — Um baptisado na aldeia (*poesia*). —Notas scientificas — Bibliographia — As nossas illustrações.
- VI Parte — *Chronica Universal*.  
*Gravuras*: A Eucharistia — S. José — Christo e a Magdalena — Cruz no alto do monte da Boa-Vista (Montariol).

Editor — D. J. de Souza Gomes.

Pap. e Typ. Universal — Augusto Costa & Pereira.

## Democracia christã

QUANTO a demagogia revolucionaria corre a todo o panno para a conquista do poder, a voz de Leão XIII faz-se ouvir acima do torvellinho das opiniões e dos systemas e vem projectar raios de luz vividissima sobre as trevas que os adversarios da religião condensaram em torno da Igreja.

Se o socialismo representasse apenas uma reforma de institutos sociaes, ou um melhoramento ascensional das classes operarias, nem um só homem de bom senso o repudiaria. Mas o socialismo é uma nova mascara da revolução anti-christã, como o fôram na revolução franceza a liberdade e a igualdade, apregoadas pelo espirito sectario. Então gritava-se ao povo — LIBERDADE: hoje assalariam-se as multidoes ao sopro de pretendida JUSTIÇA SOCIAL. E se então acabaram as coisas

com o ferimento das liberdades ecclesiasticas, hoje leva-se a mira em arrancar ao coração do operario o unico refugio que lhe resta: a religião.

O Papa que na sua Encyclica, RERUM NOVARUM havia já incitado o mundo catholico ao estudo dos problemas sociaes, organisando institutos populares para bem das classes operarias, fixando os termos justos do salario, os direitos da propriedade e os deveres dos patrões; vem agora determinar mais claramente a attitude dos catholicos, em face da democracia — novo aspecto do socialismo.

A democracia como o socialismo organisa grossas falanges de operarios para as oppôr á ordem social. Se inculca interesses economicos é para levar a sua adiante. Fala sempre de direitos, de luctas entre classes, de guerra ao capital e á riqueza. D'ahi a crise dolorosa a que assistimos.

Nada escapa aos olhos do Pontifice: a democracia socialista é para elle uma escola de novas e profundas

revoluções onde se accendem as paixões para irem de encontro á ordem, á propriedade, á familia e á religião. O socialismo pois é inimigo jurado do christianismo. Em vão procurareis entre seus adeptos homens de fé e de sentimento, equilibrados e resignados nos conflictos da vida. E foram estes conflictos que forçaram o Papa a levantar a sua voz como Jesus a levantou por sobre as multidões que o seguiam — *misereor super turbam*.

Nem se contenta com vagas exhortações. Quer que os pobres e os ricos, o clero e o povo retornem aos ideaes puros do christianismo. Manda que se organisem por toda a parte instituições novas a cuja sombra vivam os operarios e os pobres. Terão assim duplicada garantia contra as difficuldades da vida: pão para o corpo e doutrina para a alma.

Em boa hora veiu o ensinamento do Doutor Infallivel. Quando a perfidia dos calumniadores da Igreja alcinhava os catholicos de desordeiros e anarchicos, quando entre os mesmos catholicos começavam a suscitar-se duvidas serias sobre o alcance das duas democracias socialista e christã, a palavra do Papa dando a cada uma o que lhe pertencia restabeleceu a ordem das coisas, e deu impulso novo ao movimento democratico. Não destroe o capital e a propriedade em pro do trabalho; não eleva os pobres ao posto dos ricos: não annuncia revoluções e represalias de classes; mas a todos recorda direitos e deveres, e aonde acabam os direitos da auctoridade civil, fala altamente dos deveres da caridade para com os ricos, das obrigações do estado e das classes abastadas para com as classes meãs e indigentes. Não diz ao pobre que se arme até aos dentes para alcançar a riqueza. Mas

inculca ao rico em nome de Christo o apostolado da caridade seja fomentando e favorecendo o trabalho, seja dando esmola.

O Papa reconhecendo o centro da harmonia do mundo social no Evangelho destroe pelos fundamentos a utopia socialista que promette felicidades quando nega a fé.

Dois exemplos nos são propostos d'essa democracia que urge oppôr á democracia socialista: *A obra de S. Francisco d'Assis e de S. Vicente de Paula*.

«O pobre e humilde Francisco, Vicente de Paula, pae dos desgraçados, tiveram o costume de desenvolver um zelo assiduo em proveito do povo de sorte que sem se distrairem elles mesmos nem se deixarem absorver mais do que o razoavel pelas coisas externas, trabalharam, com igual ardor para tornar a sua alma perfeita em toda a sorte de virtudes.»

Se S. Francisco d'Assis organisou a democracia medieval com prégar a abnegação e a caridade, se o seu espirito verdadeiramente christão deitou abaixo o feudalismo europeu, S. Vicente de Paula foi o mais genial organisador da caridade nos fins do seculo xvii, quando a opulencia dos ricos e a corrupção dos costumes preparavam as grandes revoluções que um seculo depois rebentaram na França.

### Secção doutrinal

#### A Ordem Terceira Franciscana e o espirito christão

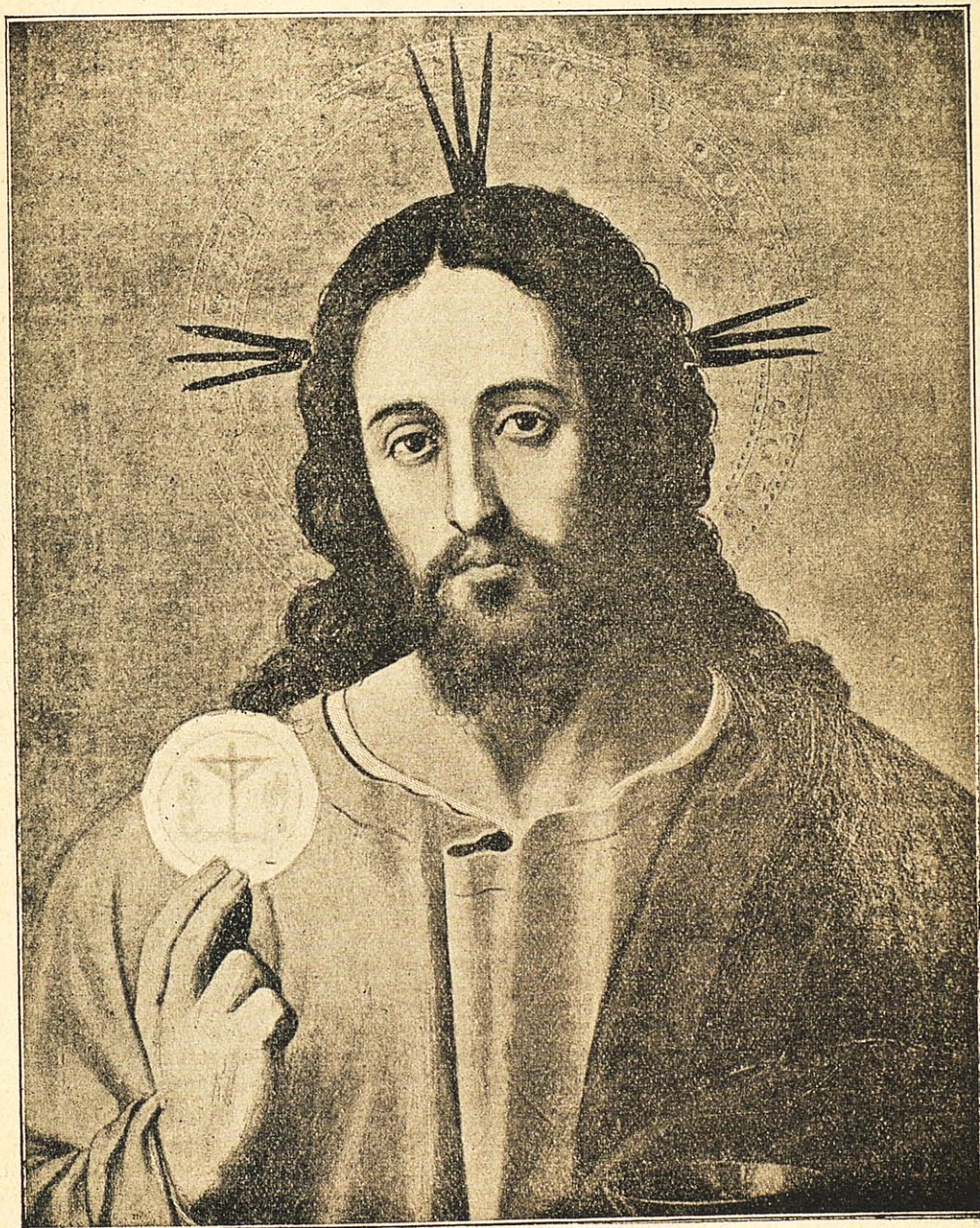
**A**os espiritos superficiaes que só vêem na Ordem Terceira uma associação mais ou menos adaptada ás condições de pessoas

devotas especialmente mulheres, contrapomos a afirmação de que a Ordem Terceira dá grande impulso á *vida christã*, e determina uma efflorescencia e expansão maravilhosas de seiva evangelica.

Pois, a bem dizer, o que é a Ordem Terceira senão um resumo, uma applicação á vida pratica dos preceitos evangelicos uma adaptação do espirito de fé, renun-

cia e amor ao individuo, á familia e á sociedade?

Effectivamente, o primeiro dever que ella impõe e o primeiro proposito que á face do Altar fazem todos os Terceiros é o de ajustar-se escrupulosamente á pratica dos mandamentos de Deus e da Igreja, dando a Jesus Christo a melhor parte de seus corações e de sua vida.



A EUCHARISTIA

Sim, o Terceiro Franciscano deve ser christão acima de tudo, por tudo e em tudo; christão nos pensamentos e nos juizos; christão nos habitos, nas inclinações e nos gostos; christão em todos os seus actos internos e externos. Ou não lhe prohibisse a Regra *os prazeres maus, os divertimentos perigosos, os bailes e os espectaculos immoraes, os excessos na comida e na bebida, os caprichos do luxo e os devaneios da vaidade.*

O alcance d'estas prohibições é trascendental em qualquer das classes sociaes. Sois filho de familia? Por força da Regra tendes de ser puro nas vossas intenções e acções: estão-vos interdectas as orgias do prazer onde naufragam as intelligencias e os corações. Sois Pae? A Regra impõe-vos o respeito ás leis santas do matrimonio e da castidade conjugal. Tendes além d'isso de proporcionar aos vossos filhos uma educação honesta e christã.

Operario? Não podeis esbanjar a torto e a direito o fructo de vosso trabalho e o pão de vossos filhos. A Regra preceitua o uso e não o abuso dos bens da fortuna. Homem publico? Coarctando-vos a liberdade de acção para o que é inutil, perigoso, ou mau, a Regra põe-vos a salvo a honra e a dignidade, o nome e a familia, a prosperidade e a fortuna. Filha, mãe ou esposa? Não sacrificareis o dever e o pudor á loucura do prazer e aos excessos da *toilette*: a honra não a poreis em leilão pelas ruas e praças, mas ser-vos-ha delicias a Igreja com as suas devoções e o lar domestico com a sua paz. Caixeiro, negociante ou empregado publico? Não ha direitos que prevaleçam contra os da honestidade e da justiça. A sêde do ouro e o prurido de ganhar não devem de suffocar o espirito de oração e os fervores da caridade.

D'est'arte o desenvolvimento e a propagação geral da Ordem Terceira n'um paiz marcam a efflorescência da castidade e da temperança, da modestia e da honradez. As virtudes christãs germinarão para crescer com mais pujança no tugurio do pobre como no palacio do rico, no atelier do artista como no mostrador do negociante na rua e nas praças publicas como no mais recondito santuario da familia.

Esta será a primeira beneficiada. Não prescreve a Regra aos Terceiros o bom exemplo em casa com selecção de tudo que possa alterar a paz e impedir a virtude?

Oh! Prouvera a Deus que a Ordem Terceira tivesse mais ascendente sobre o povo portuguez, e logo se veriam familias christãs moldadas pelas de nossos avós, nas quaes a auctoridade do Pae e da Mãe eram tudo, onde não entrava facilmente a discordia e a insubordinação, onde as alegrias eram mais innocentes e as tristezas mais suaves.

Mas a diffusão da Ordem Terceira concorre tambem poderosamente para a *christianisação da sociedade*. A regra manda obedecer fiel e razoavelmente aos legitimos superiores assim no dominio da politica como no campo religioso. Multiplicae pois os Terceiros Franciscanos e em vez de revoltosos e arruaceiros haverá cidadãos equilibrados e defensores corajosos da auctoridade e da justiça.

A Ordem Terceira prescreve o respeito a todos os direitos de Deus, da Igreja e da Patria. Venha pois o seu apostolado, pelo numero e pela influencia de seus membros, e será batida qualquer legislação oppressiva e sectaria.

Tanto mais que a Ordem Terceira sobre christianisar a familia e a sociedade é no meio do mundo um *prolongamento da vida religiosa*, um estado de santidade como o dizem os Theologos, onde as almas podem haurir especiaes *graças* e merecimentos.

Verdade seja que o Terceiro não faz votos nem se obriga *sob grave* á observancia da sua Regra; mas esta Regra com suas direcções e seu espirito faz que o Terceiro se proponha um ideal de vida religiosa com o qual se possa ajustar no tumultuar das occupações e dos interesses terrestres.

Pelo que toca á *pobreza* o Terceiro não pôde ter um desprendimento elevado a um grau tão heroico como os franciscanos. Mas em compensação exercita-se habitualmente n'um uso moderado das coisas. E' simples nos seus moveis, no seu porte e nos seus empregos.

Nas comidas é frugal para dar á caridade o que tira á sensualidade. E' para isso que S. Francisco lhe prescreve a partilha commum de seus bens com os outros Irmãos em tempo de necessidade. Quer mesmo que façam o seu testamento em tempo opportuno para se cortarem d'uma vez as queixas odiosas nas familias.

Sob este ponto de vista a Ordem Terceira é, por assim dizer, um *reflexo* d'essa

perfeição *Franciscana* cujo centro é a pobreza.

Mas a Regra da Ordem Terceira é ainda uma Regra de *castidade*, quer a consideremos pelo seu lado *negativo* quer a consideremos pelo seu lado *positivo*. Pelo seu lado *negativo*, prescreve a fuga prudente do mundo, porque o mundo cerca as almas d'um ambiente saturado d'impureza; não permite a assistencia aos theatros e aos espectaculos immoraes onde reina officialmente a luxuria; prohibe as leituras frivolas e indecentes onde se apascenta o vicio, e d'onde vem necessariamente a corrupção dos costumes; cerca finalmente a castidade d'um forte muro dentro do qual em vão procurará entrar o exercito dos vicios e das paixões.

Pelo seu lado *positivo*, a Regra da Ordem Terceira não é senão o prolongamento d'aquelle espirito d'oração e vigilancia que tanto se nos aconselha no Evangelho, e sem o qual não ha castidade. *Vigiae e orae*, nos diz o Salvador, para não cairdes em tentação. Ora o que é o officio, a assistencia á missa, o exame de consciencia, a reza antes e depois das refeições, a pratica da abstinencia, do jejum e da esmola senão o commentario e a extenção das palavras de Jesus aos seus apóstolos? E a communhão frequente, tanto aconselhada, aos Terceiros, não os levará a dizer com Santa Ignez em face das orgias do prazer: «O amor de Christo me faz casto, o seu contacto me purifica, a minha união com elle deifica-me?»

A Ordem Terceira é finalmente uma escola de *obediencia*. No dia solemne da sua profissão o Terceiro promette observar «as leis de Deus e da Igreja por todo o tempo da sua vida:» acceita e abraça uma Regra que lhe traça minuciosamente a vontade e os designios da Providencia sobre a sua alma e a sua vida. Além d'isso, tem de viver incorporado n'uma *Fraternidade* que é governada por um Superior, um Director e um Discretorio. As suas regras não são tão sómente *escriptas*: Tem regras *vivas* na pessoa d'aquelles que por diversos respeitos lhe merecem o amor, o respeito e a obediencia.

## Atravez das Revistas

**Lectures Populaires illustrés** (Fevereiro pag. 21). — *O operario previdente*. Depois de meio seculo accentua-se crescentemente a evolução das idéas sociaes para a solidariedade, esta formula moderna da caridade.

A previdencia, e a mutualidade, postas ao alcance do operario e accomodadas ás diversas modalidades do salario, constituem uma boa protecção do operario contra as doencas e a velhice e garantem á familia um futuro certo. São como — um prolongamento do salario.

As associações de soccorros mutuos, as caixas economicas e de previdencia cujo numero se multiplica a olhos vistos, desenvolvem nos operarios o espirito de ordem e de economia e desviam nos dos interesses mesquinhos do collectivismo.

**La Tribune de Saint Antoine** (10 de março) — *Antoine de Valdespoir. A Lei do Trabalho*. O homem é essencialmente sociavel. A natureza e a sociedade exigem d'elle o trabalho: a natureza dando-lhe facultades e a sociedade fornecendo-lhe materiaes e forças de que o mundo sensivel é assaz prodigo.

O trabalho tem um caracter individual e um caracter social; o primeiro emana directamente do agente que produz o trabalho, o segundo do meio em que vive o trabalhador. Cada homem tem o direito e o dever de viver? Logo tem o dever e o direito de trabalhar.

Com a questão do trabalho pende a da organização do trabalho e a do repouso dominical. D'ellas se occupará o articulista nos numeros subsequentes.

**Voz da Verdade** (28 de Fevereiro) — *P. Roberto Maciel: União Nacional*. — O articulista já assaz conhecido pelo seu zelo e actividade para bem das classes operarias propõe a *União nacional* como a obra de maior alcance, que poderá ser «estabelecida ainda nas freguezias rurales as mais «pobres e menos populosas».

Estriba-se na auctoridade dos dois valentes Terceiros Franciscanos, Leon Harmel e Padre Garnier a quem a França catholica deve uma grande parte de seus triumphos sociaes n'estes ultimos tempos.

O estudo e a acção do Evangelho devem de ser a alma da *União nacional*, afim de que os seus membros sejam christãos de «credo e mandamento.»

Para a boa organização requer-se «uma direcção. Tem que haver sessões. Cada sessão deve «constar de duas partes — estudo e acção. Lê-se «uma parte do Evangelho, explicando-a, e respondendo-se a qualquer objecção, principalmente ás que de ordinario se fazem, se ouvem ou leem «nos jornaes impios.

«Qualquer dos assistentes pode tomar a palavra, e é conveniente que o faça para se exercitar no combate contra os inimigos da fé. Preenchido esse tempo, marca-se a parte do Evangelho que ha de ser explanada e bem comprehendida na sessão seguinte; e mesmo já podem ficar apontadas algumas objecções e até designa-

«dos alguns individuos que devem responder-lhes. «Passa-se então á segunda parte — a acção. O presidente pergunta aos assistentes quaes as «boas obras que praticaram, como a diffusão de «bons jornaes, de boas leituras, etc.; se angaria- «ram novos meios, se removeram algum escanda- «lo, etc. Interroga-os tambem sobre as necessida- «des do bairro ou da freguezia, como prover a es- «sas necessidades, como trazer ao bom caminho «este ou aquelle individuo, etc.»

Apoiamos a idéa e fazemos votos pela sua realisação. Felizmente já temos em Portugal bons elementos que, bem aproveitados darão grande impulso á *União Nacional*. O apostolado da Ora- ção, as Ordens Terceiras de S. Francisco, a Pia União de Santo Antonio, o Pão dos Pobres e a Obra das Catecheses, serão outros tantos vehicu- los da doutrina pura do Evangelho a qual tão praticamente foi reclamada pelo Padre Garnier — como a primeiro *segredo de todos os progressos para a Ordem Terceira*, (1) e será certamente o primeiro segredo de todos os progressos para a *União Nacional*.

**Revue Franciscaine** (março) — *O Sagrado Co- ração de Jesus e a familia Franciscana*. — Quiz a Divina Providencia que as maiores devoções an- tes de se vulgarisarem na Igreja catholica, fôs- sem a alma da vida franciscana.

Que admira se a devoção ao Sagrado Co- ração de Jesus que é o centro de todas as devoções era já no principio da Ordem os encantos dos Fi- lhos de Francisco?

E' o que se nos mostra na *Revue Franciscaine* com documentos irrefragaveis d'um grande theolo- go Franciscano do seculo XIV, Ubertino de Casal, o qual a pedido de seus irmãos no habito escre- veu a *Arvore da vida*, profunda obra de Theolo- gia sobre as dôres e a *Paixão do Coração de Je- sus*.

Accresce a auctoridade de S. Antonio e de S. Boaventura que já prégavam a devoção do Co- ração de Jesus e por ultimo a revelação feita á bemaventurada Margarida Maria, no dia 4 de ou- tubro de 1688: «*Este Divino Amor, imprimindo-se em S. Francisco pela impressão das Sagradas Cha- gas, tinha-o feito um dos mais favorecidos de seu Sagrado Coração... o divino Esposo de minha alma deu-me este grande Santo como um penhor de seu di- vino amor*». (2)

**Echos des Grottes de Saint Antoine de Pa- doue** (março). — *S. José e o mez de março*. — O cul- to de S. José não é novo na Igreja. Já no seculo IV se representava a sua imagem nos sarcophagos christãos, e a Igreja grega festejou-o desde o se- culo IX. Mas é sobretudo nos seculos XIII e XIV que a figura de José se levanta gloriosamente por sobre os horisontes da Igreja.

Cabe á Ordem dos Frades Menores esta glo- ria, que S. Boaventura, S. Bernardino de Sena, o Beato Bernardino de Bustis e S. Leonardo tão de- nodadamente propagaram. Ainda a *Festa de S. Jo-*

*se* não era celebrada na Igreja e já um capitulo dos Franciscanos convocado em Assiz no anno de 1399 a impunha a toda a Ordem. O capitulo geral de Salamanca determinou em 1461 que o dia 19 de março fosse dedicado a S. José, e o Papa Fran- ciscano Sixto IV estendeu a devoção a toda a Igreja.

Mais tarde, em 1621, era ainda a pedido dos Franciscanos e de alguns Principes da Ordem Ter- ceira que Gregorio XV preceituava o que Sixto IV simplesmente aconselhou.

Deve-se tambem aos Franciscanos a *Festa dos Desposorios* de S. José com Nossa Senhora. E pa- ra que o fim coroaesse a obra veiu um Papa Ter- ceiro, Pio IX, que proclamou S. José, Protector da Igreja Universal e inseriu a sua commemoração entre os suffragios do Breviario.

**Novo Mensageiro do Coração de Jesus** (março). — *O Coração de Jesus e S. José*. — «O «corpo virginal de Maria, terra abençoada em «que, por virtude do Espirito Santo, foi formado «o Coração de Jesus, pertencia a S. José, pelo le- «gitimo e irrevogavel contracto dos seus desposo- «rios. José podia dizer, como de Eva sua esposa «disse Adão: esta é osso dos meus ossos e carne «da minha carne.

«Portanto o Coração de Jesus, formado do «purissimo sangue de Maria e no corpo virginal «de Maria, pertencia como verdadeira proprieda- «de a José... E o direito de S. José sobre Jesus «ainda não foi revogado. Enquanto o divino Sal- «vador conservar a carne sacrosanta que tomou de «Maria, subsistirá sempre o titulo no qual se fun- «da o poder de S. José sobre o Coração de Jesus».

.....

«O dominio que tinha sobre aquella fonte de «toda a luz e de toda a graça, aproveitou-o S. Jo- «sé para não perder um grau d'aquella graça nem «um raio d'aquella luz. Em nenhuma escola en- «trou jámais discipulo nem tão sequioso de doutri- «na, nem tão docil, como José na escola do Cora- «ção de Jesus.

«Vinte annos e mais foi José, com Maria, o «unico, ou quasi unico discipulo do Divino Mestre; «e, se Aristoteles com poucas licções de Platão se «fez o primeiro Philosopho da antiguidade, n'a «quella escola, em que o discipulo era o mais bem «disposto, e um Deus o Mestre, quaes não seriam «os progressos!

«Como um crystal purissimo contraposto á «luz do sol, estava o Coração de José continua- «mente defrontado com o Coração de Jesus a re- «ceber d'elle em toda a sua plenitude as influen- «cias divinas.

«Sentimentos, desejos, temores, alegrias, tu- «do se reciprocava n'aquelles Corações, n'uma cor- «rente continua de luz, de amor e de virtude».

«N'aquella escola bemdicta de Nazareth tu- «do era lição. Oração, refeições, trabalho, des- «canço, recreação, tudo era exercicio de virtude, «e serviço de Deus.

«E se os corações dos dois discipulos de Em- «mauz, com merecerem ao divino Mestre a nota «de insensatos, e incredulos, com uma só conver- «sação de Jesus, ficaram abrazados, qual andaria «sempre o coração de José em tantos annos, de «communicações tão intimas!

(1) Vêde *Voz de S. Antonio*, Novembro de 1900. Dis- curso do P. Garnier no Congresso Internacional Fran- ciscano.

(2) *Vida da Bemavent.*, escripta pelos seus contem- poraneos.



**Santo Protector para o mez de abril**

**S. Francisco de Paula, Fundador dos Minimos.** — A Ordem Franciscana pode justamente reivindicar esta gloria para si. Foi effectivamente pela intercessão de N. P. S. Francisco que este Santo nasceu. Offerecido por seus Paes ao Patriarcha d'Assiz, vestiu a libré franciscana, e sujeitou-se durante um anno a todas as practicas da vida religiosa.

Não professou a vida franciscana, mas inspirado por Deus concebeu uma vida ainda mais humilde e retirada do mundo. Animado e alentado por S. Francisco deu a seus novos filhos o nome de *Minimos*.

A Ordem Franciscana considera-o como uma das suas maiores glorias.

**Victude a imitar**

**Piedade** — O Anjo da Piedade! A elle confiou Deus a missão especial de conservar a paz na familia e manter n'ella esse prazer delicioso que a converte n'uma ante-camara do ceu.

Os santos representam-nol-o tendo na mão umas vezes um vaso de oiro repleto de divino licor a cair gota a gota nas almas que se lhe abrem com docilidade, outras vezes um candelabro a illuminar as almas que oram, estudam ou meditam.

Para os que possuem este espirito não ha mysterios difficeis de acceitar na Divina Eucaristia, não ha rasgos de Santos que façam pasmar, não ha sciencia ou trabalho que distraia.

Mostram-nol-o ainda os Santos com uma cestinha de flores n'uma das mãos em quanto a outra semeia com ellas os caminhos por onde temos de passar.

E' então que os espinhos d'esta vida mortal, a doença, o desprezo, as decepções não sómente se nos tornam acceites mas até agradaveis, a ponto de chegarmos a pedir ao Senhor que nos mortifique.

Pintam-no finalmente com uma taboa de marfim nas mãos onde ficam gravados para eterno os nossos pensamentos, os nossos desejos e as nossas acções.

Na aureola que lhe einge a fronte destacam estas palavras de S. Paulo: *A Piedade serve para tudo.*

Tudo vem de Deus, tudo vae para Deus, tudo está debaixo dos olhos de Deus, tudo está unido com Deus! Doces palavras que o Anjo da Piedade tanta vez segreda aos seus mimosos nas delicias da oração e da meditação!

*Se tudo vem de Deus,* pede e receberás. E's pobre? Leva com resignação os soffrimentos. Tens muito de teu? Não te ensoberbeças mas gloria-te no Senhor.

*Se tudo vae para Deus,* cuida de aproveitar bem as particulas d'um tempo que te foi dado para com elle negociares o ceu. Cerca os teus pensamentos com a doce aureola da recta intenção para que Deus t'os acceite.

*Se tudo está debaixo dos olhos de Deus,* nada faças mal, não fomentes a injustiça nem dêes pasto á inveja para que os olhos purissimos de Deus te não fujam.

*Se tudo se faz em união com Deus* não temas nunca os juizos dos homens nem o desandar da fortuna, e se por desgraça caíres, não succumbas ao desalento mas espera no Senhor.

**Absoluição geral**

Em cada um dos dias da semana santa e no Domingo de Pascoa.

**Indulgencias Plenarias**

Dia 4 — Quinta-Feira Santa.

Dia 7 — Domingo de Pascoa.

Dia 15 — S. Benedicto de Philadelphia, da 1ª Ordem.

**Outras Indulgencias Plenarias**

1.º *Todas as vezes* que os Irmãos Terceiros recitarem a *Estação*, isto é, 6 Padre Nossos, Ave-Marias e Gloria Patri, em qualquer logar que seja, segundo as intenções do Soberano Pontifice ganham as indulgencias das Estações de Roma, Jerusalem, Compostella e Porciuncula. Basta acharem-se em estado de graça.

2.º Por cada vez que rezarem a Corôa Franciscana dos sete gozos de Nossa Senhora.

3.º Havendo-se confessado e commungado e rezando o *Psalmo Exaudiat* em latin ou em portuguez, e não sabendo lêr, rezando tres Padre Nossos e Ave Marias, pôde o Irmão Terceiro lucrar todas as indulgencias de todos os santuarios, igrejas e basilicas de todo o mundo!

**Maximas espirituales**

Devo amar o meu proximo por causa d'elle e não por causa de mim.

(B. JACOPONE DE TODI).

O que fala sempre bem é como a bocca de Deus, e o que fala mal é como a bocca do demonio.

(B. GIL D'ASSIS).

Todos são vossos amigos porque todos vos fazem bem, e na realidade nenhum vos insulta.

(S. FRANCISCO).

**Secção historica**

**RASGOS HISTORICOS**

I

**A**o vê-lo muitas e muitas vezes no dia trepar as collinas e oiteiros vergado sob

o peso de grossas pedras, e caminhar a-travéz das apupadas do vulgacho e rapaziada, qual outro Christo, para cuja face austera e lacrimosa não havia uma Veronica, procuraram muitos seguir suas pisadas, e tomal-o por guia e prototypo de suas vidas.

Das janellas de sua habitação Clara e Ignez e Jacobina de Settesoh alongavam olhos pelos caminhos alem, e iam seguindo, seguindo o desconhecido cavalheiro, fadado para amar, e como que anteviam e adivinhavam já o quer que é de fascinadores attractivos e virginea candura, que se escondiam por debaixo d'aquelle sonho mysterioso, que lhes sorrira.

E que de ancias agora, que de sanda-des, que não germinaram n'aquelles peitos seduzidos e encantados!...

Francisco apparecia no entretanto com uma pallidez de dia para dia mais crescente, se bem que o cura de S. Damião apercebeu que era pouco seu sustento, nullo quasi e o obrigou a jantar com elle. Mas a curto trecho invadiram os escrupulos a alma de Francisco. Acharás tu, dizia de si para si, acharás sempre um sacerdote, que te seja em todo o logar e tempo, tão humano e clemente? Não é esta a vida do pobre, vida que abraçaste, e quizeste espontaneamente viver; vae, pois, de porta em porta mendigando as migalhinhas de pão, que a caridade te dispensar. Força é que assim vivas desconhecido e pobre, como viveu O que nos braços d'*ignominiosa* Cruz abarcou o mundo todo, e pretendeu ganhal-o todo a si.

Saía, de feito, no dia seguinte esmolando umas taes ou quaes escassas codeas de pão. Escolheu para sua parca e frugal refeição um logar patente. A' primeira fallece-lhe o coração. Precisou grande esforço para continuar. Punham-se-lhe deante dos olhos os dias felizes, que passára na casa abastada de seu pae, e pedir agora aqui e alli um bocadinho de pão com que mate a fome...

Cobrou animo. A alegria de contradizer-se, de vencer-se por amor de Deus triumphou da tentação, que o acomettera, e lhe fez delicioso o manjar, que lhe parecia duro e insupportavel.

Correu de prestes ao cura de S. Damião e disse-lhe assim: Não trateis mais de

alimentar-me, achei um cosinheiro melhor, e quem melhor me ministre que comer.

Tal estado, porém, de aviltamento e humildade na sua propria cidade natal deveria sem duvida ser acompanhado de indiziveis e humanamente fallando insuperaveis martyrios, dissabores e afflicções.

Não se passava dia sem que se lhe deparasse ou seja alguém de sua familia, ou alguns de seus passados companheiros de prazer; e na verdade carecia de bem forças, de forças sobre-humanas e sobre-naturaes para poder seguir ávante essa vida de sacrificios e abnegação, que encetára, e para, em taes conjuncturas, não descair de novo nas folganças e passatempos de sua mocidade.

Após a entrevista com o bispo, que indignou toda a cidade de Assis contra Pedro Bernardoni, caminhava pelas ruas de passo grave e olhos baixos.

Se o acaso lhe deparava Francisco, Bernardoni tomava outro rumo, ou levado nas azas da colera e indignação investia contra elle em palavras de maldição e ameaças — Nunca conhecerão, assaz bem dizia mais tarde S. Francisco, o por que passou então o meu espirito.

Francisco, recordando-se amiude do propheta, que bemdizia o povo de Israel, ao passo que o amaldiçoavam os sacerdotes inimigos, escolheu similhantemente para contrastar com as ameaças e maldicções de seu pae, um mendigo esfarrapado e velho, que o abençoasse, entretanto que Bernardoni invocasse sobre elle o oceano das mais torpes e hediondas imprecações.

Tinha S. Francisco um irmão, Angelo Bernardoni, que era um de seus inimigos mais figadaes, e encarniçados perseguidores.

Um dia, que o Santo orava fervente n'uma Igreja e, graças a seus vestidos rotos e bastante deteriorados, tiritava de frio, disse Angelo a um de seus camaradas: «Pede-lhe que te venda um pouco de seu suor».

Replicou-lhe Francisco:

Reservo-o todo para Deus, que ha de indubitavelmente comprar-m'o mais caro.

Uma outra vez, que escasseava azeite na alampada da igreja de S. Damião, foi não sei porque vias, bater á porta d'uma sala de jogo. Abriram, e dando de cara com seus antigos companheiros, recuou envergonhado. Foi coisa de um momento. Envidou todos os esforços, entrou corajosa e modes-



S JOSÉ, PROTECTOR DA EGREJA UNIVERSAL

tamente, e depois d'uma solemne retratação de sua vergonha, pediu esmola.

Deixaram desde então de tel-o por louco e demente, catando-lhe respeito e admiração taes, que foram substituir as mofas e escarneos, com que d'antes iam feril-o com dente malevolo e sarcastico.

Áfora S. Damião, proveu em pouquissimo tempo por via de abundantes esmolas dois sanctuarios mais, *extra muros*, dedicado um a S. Pedro, e o outro sob a invocação de N. Senhora dos Anjos. E já era fallado entre o povo, que Francisco communicava com os cidadãos do Céu.

Concluida esta triplice reconstrucção symbolica. Francisco, que de momento a momento progredia sensivelmente nas vias da vida interior, começou só por só de pensar e excogitar, que vida abraçaria. Leu algures estas palavras do Evangelho: *Que não levem ouro nem prata, nem alforge, nem bastão, nem calçado, nem usem duas tunicas.*

Depois de fundamente meditadas, e animado do espirito, que as dictou, determinou-se a seguir-as á lettra. Consequentemente deixou a pouco trecho o seu calçado e bastão e alforge e dinheiro e contente com uma só tunica apertou-se com grossa corda.

A tunica, que vestia, era de côr acinzentada e á maneira de Cruz: seu comprimento não tocava a terra e as mangas estendiam-se até a extremidade dos dedos, de mais e mais usava capuz á maneira dos pastores da meia-idade para resguardar-se e defender-se das injurias do tempo.

Era o dia de S. Lucas em 1207, dia em que S. Francisco teve conhecimento certo da sua vocação religiosa. Após este chamamento da graça saía prégando aos povos em linguagem simples e amena as verdades da religião e penitencia, encimando sempre com estas palavras os seus sermões: «*Deus vos dê a sua paz*».

Ninguém motejava já. As almas meditativas e timoratas entreviam debaixo do burel, que trajava Francisco um não sei quê que lhes excitava violentas commoções d'espirito, d'essas commoções violentas, que só a presença d'um homem verdadeiramente extraordinario e santo sóe comunicar.

Um homem, o principal d'Assis por tradição e sangue, o nobre Bernardo de Quintavalle, fôra testemunha d'esse retrato e

imagem viva d'abnegação personificada em Francisco d'Assis.

Quiz communicar mais de perto com esse homem de quem tanto se fallava, com esse homem que, a não ser louco, seria o futuro reformador da humanidade inteira.

Convidou-o para jantar com elle.

A só presença do Santo respirava doçura, e suas palavras eram impregnadas d'um não sei quê de encantador e simpleza, que seduzia, que arrastava infallivelmente.

Quem uma vez o conheceu difficilmente, impossivelmente poderia desprender-se d'elle.

A mortas e altas horas da noite, quando jazia tudo no mais profundo silencio, Bernardo levantou-se para *espreitar* o seu hospede. Viu-o posto em joelhos, alheado em arrebatamento, e dizer incessantemente: *Meu Deus e meu tudo! Deus Meu e meu tudo!*

Deveras este homem é homem de Deus, dizia Bernardo lá de si para si.

— Meu amigo, dizia dias depois a S. Francisco Bernardo de Quintavalle, meu amigo, que te parece deve fazer aquelle, a quem dispensou o Céu muitas e muitos bens, dos quaes se não quer gosar?

— Tornal-os a Deus, de quem os recebeu, respondeu-lhe Francisco.

— Francisco, torna-lhe Bernardo muitos bens me-deu o Céu, bem mais do que eu por meus peccados merecia. Mas deixal-os-hei de bom grado, a quem quizeres. Resolvi seguir-te sempre.

— Bernardo, diz-lhe Francisco debulhado em lagrimas, não é este negocio de pouca monta; força é implorarmos e exorarmos a protecção e divino auxilio para levarmos a cabo o nosso intento. Por isso amanhã ao despontar do dia iremos á Igreja de S. Nicolau, cujo capellão é um homem probo e honesto, ouviremos missa, e prolongaremos até a hora de *Terça* a nossa oração.

No dia seguinte, ainda não era sol nado, dirigia-se Bernardo á igreja de S. Nicolau. Francisco era já absorto em altas contempplações.

Ouviram missa devotamente, e á hora de *Terça* abriu Francisco por tres vezes sobre o altar o livro dos Evangelhos. Da primeira vez leram: *Se queres ser perfeito vae, vende tudo que possues e dá-o aos pobres. Da*

segunda saiu: *Que de caminho nada levem.*  
E na terceira: *O que quizer vir em poz de mim, renuncie-se a si mesmo, tome a sua Cruz e siga-me.*

— Eis o nosso modo de vida, a nossa regra, a regra de todos, que quizerem seguir-nos. Vae e se queres ser perfeito põe em obra o que acabas de ouvir.

Bernardo voltou a sua casa, vendeu seus bens, aliás consideraveis, e em dia aprazado congregou S. Francisco muitos pobres e peregrinos e orphãos e viúvas. aos quaes soccorreu Bernardo prodigamente. Tomou por derradeiro o habito austerissimo de S. Francisco e seguiu-o até exhalar o ultimo alento em olor de santidade.

No mesmo dia, Pedro de Catania, conego da cathedral d'Assis, seguindo o exemplo de Bernardo de Quintavalle, de quem era amigo intimo, deixou o mundo e envervou o burel franciscano.



Pensamentos

*As scenas da verdadeira eloquencia christã são uma representação grave, e magestosa, e bella, e sublime dos grandes problemas da humanidade crecada, remida e santificada pelo Verbo de Deus.*

Os quadros da eloquencia banal dos figurinos modernos são um fiasco ridiculo, mas exacto da banalidade cerebral, que os concebeu.

Saudosos dias, em que os ideaes da Providencia na economia humana reverberavam do verbo magestoso e suasivo dos Padres da Igreja.

— Dir-se-ia que o organismo christão vivificado pelos Sacramentos — feita de Deus, rodava ao sopra da eloquencia — feita de Igreja!

Nunca os quadros das paixões humanas foram tão reaes e tão sinceros, porque nunca a mão que os traçou foi tão mestrada e batida nas incudes d'aquella poesia, que do conhecimento proprio e do desprezo do mundo aprôa para as regiões do Infinito.



ANECDOTAS

*N'um restaurante:*

— Rapaz!

— Senhor!

— Que costeleta tão salgada! Isto é insupportavel.

— Pois ainda ha outra coisa mais salgada no estabelecimento.

— O que é?

— A conta.

*Um rei e um Bispo.* — Estavam um dia a falar arigavelmente um rei prepotente, usurpador dos direitos da Igreja, e um Bispo, forte defensor das suas immunidades.

Após animado discurso o rei aperta a mão ao Bispo e diz-lhe:

— Senhor, a vossa mitra já não é a primeira a espedaçar-se...

E o Bispo replicou:

— Mais depressa poderá vir abaixo a corôa d'um rei do que a mitra d'um Bispo...

E passada uma noite viam-se barricadas nas ruas de Paris, e o rei Luiz Philippe fugia: estava em terra a sua corôa.

E o Bispo? Esse (era Mgr. Affre), para tranquillisar as multidões e aplacar a furia dos rebeldes, descera á praça, de habitos pontificaes, e emquanto pregava a paz, uma bala desfechada sobre elle, tombava-o em terra.

Assim morreu um Pae por amor de seus filhos, e assim se converteu em corôa de martyr a mitra do Bispo!

*Um amigo convida a jantar um andaluz.*

A comida é insignificante e o vinho detestavel.

O andaluz fala pelos cotovelos.

E quando vae a retirar-se o amphitryão elogia-lhe o seu bom humor, a sua graça.

— Pois isto não é nada, replica o convidado. O que é ouvir-me é quando eu como bem e bebo bom vinho.

*O astronomo Kirchner.* — Este celebre jesuita Allemão privava com um d'esses tantos desgraçados que se gloriam de ser atheus.

Sabendo que o atheu lhe vinha fazer uma visita, poz em cima da meza uma esphera magnifica.

Veu o atheu e surprehendido com a belleza da esphera disse de chofre:

— Quem foi o auctor?

— Não sei, respondeu o astronomo. Apareceu-me aqui no quarto...

— Certo que alguém vos quiz fazer uma surpresa.

— Surpreza? Se eu estou a dizer-vos que ella appareceu aqui...

— O atheu, percebeu o alcance d'estas palavras, e meio atrapalhado sem saber que dizer, com os olhos fitos no jesuita aguardava mais alguma coisa.

Então o jesuita:

— Ah! meu amigo. Não quereis acreditar que esta esphera apparecesse aqui sem mais nem menos, e quereis persuadir-me que o mundo é um parto do acaso?

*Na esquadra:*

— E' verdade que quebrou um guarda-chuva nas costas d'este senhor?

— Sim, senhor; mas era um guarda-chuva de seis tostões.

*Milagres!*... Quando Benedicto XIV era Papa estava em Roma um protestante que falava a miude com um Cardeal, e não se podia persuadir que os milagres fossem coisa digna de acreditar-se.

Por sorte foi o Cardeal incumbido de examinar o processo d'uma beatificação.

Feito maduro exame remetteu-o ao protestante que, após tambem de maduro exame, não pôde conter-se e disse ao Cardeal :

— Se todos os milagres são certos como estes, creio nos milagres.

— Pois sabeí, voltou o Cardeal : sabeí que para nós ainda não bastam estes milagres, e, por serem insufficientes, rejeitamos a causa da beatificação.

O inglez não saiu de Roma sem abraçar primeiro o catholicismo.

*Entre bohemios :*

— Onde jantas hoje ?

— Em nenhuma parte. Hoje não janto. E tu ?

— Pois a mim acontece-me o mesmo.

— Então vamos dar um passeio. Hoje jantamos juntos.



## Leituras amenas

### UMA CARTA DE RECOMMENDAÇÃO

(EPISODIO HISTORICO)

ERA Presidente de Ministros D. Luiz Gonzalez Bravo, quando Rufino, com o pranto nos olhos e a magua no coração se despediu da sua aldeia para ir demandar fortuna na capital do reino catholico.

Abandonava tudo pela cubiça do ouro. A mulher e cinco filhos, o mais velho de nove annos, ficavam mortos de fome, privados de todos os recursos, reduzidos apenas á minguada esmola, que a pobreza dos seus circumvisinhos lhes podia subministrar. Estas considerações não o demoveram do seu proposito ; partiu pois, protestando não deixar Madrid sem se enriquecer.

Eram já passados quinze dias e o nosso Rufino não tinha ainda obtido um emprego ; todos os seus esforços eram baldados e do pouco dinheiro que havia trazido apenas lhe restava uma peseta ! Estava n'uma situação desesperada. Não podia protrahir a sua permanencia em Madrid, á mingua de sustento, nem se podia ausentar por falta de dinheiro para a viagem.

Passeava uma noite pela rua das Carretas, acotovelando todas as pessoas que encontrava, sem reparar em coisa alguma do que se passava em torno de si, revolvendo estes tristes pensamentos e outrosim o desamparo em que estaria sua mulher e

filhos, quando ao passar por deante do Café do Seculo lhe pareceu vêr uma cara conhecida entre os varios individuos que rodeavam uma meza.

— Com trinta ! se é Garcés ! — disse entrando no hotel — o unico conterraneo que pude lobrigar n'esta maldita Madrid !

Garcés, pois era elle, arengava no meio dos commensaes que o escutavam boquiabertos. Falava de politica. Adaptando-se ao meio em que se encontrava, Garcés era um d'esses individuos que se impõem o dever de ser engenhosos e facétoes, e que posuem o condão de a cada passo forjarem uma satyra ou um gracejo.

Quando Rufino o abraçou, Garcés ficou atapalhadissimo, porém logo que o reconheceu fez-lhe uma optima recepção. Rufino por Madrid, era inaudito ! assombroso ! estupendo !

— Tenho a honra de vos apresentar o meu caro amigo da infancia o Snr. D. Rufino Pelaez meu condiscipulo de primeiras letras... Boa pessoa, optimo guitarrista!... Mas, disse voltando-se para Rufino, o que é que te traz por aqui ? Senta-te e fala, homem. Ha mais de doze annos que nos não vêmos !

— Sabe, murmurou Rufino, que sou casado e tenho cinco creaturas... já vês, cinco ! de modo que... pôdes imaginar!..

Rufino calou-se, observando que os amigos de Garcés antes tão buliçosos, agora nem pestenejavam para attender ao que elle só queria communicar a seu amigo.

— Prosegue, disse este, não te interrompas no melhor do discurso ; fala, perora... Todos estes *senhores* são meus amigos e portanto teus tambem.

— Pois hem, continuou Rufino em meia voz, vim a Madrid procurar algum emprego, algum modo de vida que me tire de apuros...

— E ainda não conseguiste nada ?

— Nada, absolutamente nada ; tudo inutil ! Trouxe algumas cartas de lá, mas...

— Ora ! cartas... Se me viesses procurar immediatamente já a estas horas estavas collocado ; e bem

— De véras, exclamou Rufino, sentindo renascer suas esperanças, de véras tens amigos... ?

— Descansa. Vou dar-te uma carta para Luiz, e pôdes desde já considerar-te senhor d'um bom emprego.

— Quem é esse Luiz? perguntou Rufino.

— Pobre homem! ainda me perguntas quem é Luiz?

— Desculpa, mas não conheço...

— Então não sabes quem é Luiz Gonzalez Bravo, Presidente do Conselho de Ministros?

Por pouco os commensaes não soltaram uma gargalhada, mas souberam conter-se, graças a um signal de Garcés. Rufino estava attonito.

— Vês? continuou Garcés, como todos estes amigos se riem por não saberem quem é Luiz?

— Mas tu conhecel-o?

— Se o conheço! Sômos amigos desde pequenos...; quero dizer amigos mui antigos, correligionarios em politica... Emfim vou recommendar-te a elle.

— Traga-me o necessario para escrever; disse dirigindo-se ao creado.

— Meu caro amigo, é possível que tu?!... Oh! quanto te agradeço! Já não sabia a que santo me encomendar, que fazer ou a quem recorrer!...

— Ora deixa-te de ceremonias! Então havias de ficar sem collocação estando eu aqui para favorecer os meus amigos?!

Trouxeram papel e tinta, e Garcés n'um momento escreveu a seguinte epistola:

«Querido Luiz»

«O portador d'esta, meu antigo amigo e conterraneo D. Rufino Pelaez e Trancoso, notavel guitarrista, deseja alcançar um emprego em qualquer ramo da administração publica. Peço que não saia do teu gabinete sem ser despachado. Advirto-te, Luizinho, que servil-o a elle é o mesmo que servires-me a mim. Rufino é outro eu, e como eu sou outro tu, já sei que Rufino, tu e eu ficaremos contentes. Desde já te agradeço, meu bandido, ainda que o não devia fazer. Fica ás tuas ordens o teu carinhoso amigo

Pepe.»

A missiva foi lida em voz alta, rindo os amigos de Garcés a bandeiras despregadas. O palerma de Rufino desfazia-se em agradecimentos julgando cada palavra inspirada excepto a de *guitarrista* que lhe pareceu importuna; a de *bandido* porém interpretou-a como uma expressão amigavel, filha

da grande intimidade que existia entre Garcés e Gonzalez Bravo. N'uma palavra Rufino determinou ir no dia seguinte á Presidencia e entrégar por si mesmo a efficacissima recommendação a D. Luiz.

Ficaram os do Café commentando a graça, emquanto o nosso homem, (que como bom provinciano se recolhia á hora das gallinhas) se retirou para sua humilde estalagem, levando no estomago uma chave-na de café com meia torrada que Garcés lhe havia dado, e na alma um mar d'esperanças.

Na manhã do dia seguinte Rufino dirigiu-se á Presidencia para entregar por si mesmo a carta a Sua Exc.<sup>a</sup>; mas o porteiro negou-se a avisar o Presidente. Rufino quasi desesperado, advertiu-o que a carta era d'um intimo amigo do Presidente, e se o não avisava que...

O porteiro meio convencido informou o secretario particular do Presidente do que se passava levando-lhe a celeberrima carta, que Rufino alfim lhe entregou ainda que evidentemente constangido. O secretario leu e releu a interessante epistola, firmando-se mais e mais na laconica firma «Pepe», querendo á força de leitura adivinhar qual dos Pepes amigos de seu amo teria o atrevimento de lhe escrever d'aquelle modo; baldado esforço!...

Resolveu entrar no gabinete de Sua Exc.<sup>a</sup> e entregar-lhe o mysterioso papel.

— Quem trouxe esta carta? perguntou D. Luiz depois de a lêr.

— Não sei o porteiro é que...

— Então você não viu logo, que isto era uma farça?

— Como! será possível... eu cria... pensava... Como podia julgar?... Vou já, já...

— Socegue; ainda ali está o portador?

— Creio que espera resposta.

— Pois que...? *espera?* disse Gonzalez Bravo pensativo. Perfeitamente; mande entrar esse homem.

Alguns momentos depois entrava Rufino no gabinete, pallido, trémulo e fazendo ridiculas inclinações, não se atrevendo a fitar cara a cara aquelle homem que com uma pennada de tinta o podia fazer feliz. Quiz falar e não pôde; tinha um nó na garganta que lhe não deixava articular palavra.

O Ministro mediu-o com a vista d'alto a

baixo e pôde comprehender pela attitude do recémchegado que não tratava com nm descaradissimo brejeiro capaz de levar sua hyperbolica petulancia a taes extremos, mas sim com um homem simples, de boa fé, victima innocente de sua nimia credulidade.

— Você é D. Rufino Pelaez? perguntou o ministro apoz um momento de silencio.

— Sim senhor... servidor de V. Ex.<sup>a</sup>... excellentissimo senhor: sou Pelaez para servir a V. Exc.<sup>a</sup>

— Como vae o amigo Pepe?

— Sem novidade.

— Quanto me alegre! E que faz agora o meu caro Pepe? em que se occupa?

— Para dizer a verdade não sei; disse Rufino mais tranquillo; porque havia já doze anns que nos não viamos.

— Continue; pois me interessa tudo o que diz respeito ao meu caro amigo.

— Sômos da mesma terra e como eu vim a Madrid arranjar um emprego e tinha muita pressa, pois tenho no povo a mulher e cinco filhos e mais velho de nove annos...

— Bom, fale-me de Pepe.

— Encontrei-o por casualidade no Café do Seculo e vendo-me desesperado, como bom amigo que é, me disse: «pois eu te colloco já, e deu-me esta carta...

— Bem; basta que elle se interesse por você para que eu o attenda.

— Isso mesmo me disse elle.

— Sente-se e espere um pouco.

— Não sei se me atreverei a...

— Nada de etiquetas! vou já enviar uma carta ao meu secretario e desde já se pôde considerar collocado na secretaria com oito mil reaes.

.....  
Aquella noite apenas os companheiros de Garcés se reuniram no Café, entabularam uma animada conversação ácerca da occorrença da noite immediata.

Entrementes appareceu Rufino que louco de alegria correu para Garcés, abraçou-o, beijou-o e antes de ninguem poder adivinhar tão extraordinarias demonstrações de carinho, chamou-lhe seu anjo tutelar, seu bemfeitor e seu pae.

— Que te succedeu? perguntou por fim Garcés estupefacto.

— Que me havia de succeder? Olha! disse Rufino tirando um papel da algibeira; olha aqui está o despacho que me offere-

ceste!... oito mil reaes por anno! Sou auxiliar da secretaria da Presidencia.

Estupefacção geral!

Garcés pegou no papel e leu-o do principio ao fim. Ninguem se ria!

— Que me fusilem se o entendo! murmurou Garcés.

— Não é muito difficil, respondeu Rufino. Fui á Presidencia, entreguei a carta que me deste; mandaram-me entrar para o gabinete do Presidente, recebeu-me com muita amabilidade; offereceu-me uma cadeira; perguntou por ti e disse-me estas palavras textuaes: «Basta que o meu querido Pepe se interesse por você para que eu o attenda» e immediatamente me mandou despachar. Recommendeu-me te dissesse que o fôsses visitar.

— Meu grande tôlo, gritou Garcés dando uma forte pancada na meza, não tens dois dedos de testa para comprehender que tudo aquillo era brincadeira? que não conheço, nem sou amigo d'esse senhor? Que mais poderia eu desejar para mim? Se eu podesse adivinhar tal desenlace, julgas que escreveria a carta para ti?

— Ah! exclamou Rufino repremindo o seu entusiasmo, quizeste escarnecer de mim e rir-te á minha custa, sem attenderes á minha boa fé e á desgraça da minha familia, que tudo esperava da tua amizade!... Alegro-me com isso! Nada te devo!... Adeus.

Dirigiu-se para a porta; parou e voltando-se para Garcés disse com todo o sangue frio:

— Já sabes o que me encarregou teu amigo Luiz; vae-o visitar! vae!...

RAMIRO BLANCO.



## Culto de S. Antonio

### CONVENTO DE SANTO ANTONIO DE VARATOJO

(V. Voz de S. Antonio pag. 57 e 62)

**F**ICAMOS em 1834. A guerra civil entre D. Pedro e D. Miguel estava mais ateadada que nunca. Os realistas tinham desistido de reconquistar Lisboa, retirando-se desordenadamente para Santarem; todavia ainda não eram vencidos, nem os constitucionaes possuíam o reino, pois que só em maio d'esse anno é que a batalha d'Asseiceira decidiu da sorte de D. Miguel entregando o reino aos liberaes. D. Pedro porém começou antes a



dispôr dos bens dos particulares como se já lhe assistisse o direito de alto dominio na nação. Os cofres estavam vazios, havia uma nobreza só de títulos, que era preciso enriquecer, e os mosteiros eram ricos (?) que impedia pois que os bens d'estes fôsem recompensar feitos heroicos a favor da liberdade?

O direito, não; porque onde ha força o direito é nullo; a justiça tambem não, porque justiça não existe é uma palavra ôca, vasia de toda a significação. Mas deixemo-nos de considerações.

Em março pois de 1834 baixou um decreto da chamada *meza do melhoramento* assignado pelo famigerado P. Marcos e referendado por D. Pedro Duque de Bragança pelo qual se extinguiu o seminario de Varatojo, e se declarava *fazenda nacional*.

Eis como se expressa uma testemunha ocular:

«Estando um dia á tarde os religiosos nas varandas junto á livraria, appareceram ali dois esbirros, um dos quaes vinha arvorado em *Juiz de Fóra*. Este começou a falar dizendo que tinha recebido um decreto do Governo de sua Magestade a Rainha em que declarava por extinto o convento de Varatojo; e lhe mandava viesse arrecadar toda a prata da casa para ser remettida immediatamente á *Secretaria de tal*; e os outros bens mandou inventariar e pôr nas mãos d'um depositario idoneo e capaz. Portanto, continuou o dito *Juiz de Fóra*, amanhã das nove para as dez horas aqui se vem dar principio á execução d'este decreto levando em primeiro logar a prata».

Não é necessario ser muito perspicaz para descobrir o fim da extincção dos conventos: a prata, o oiro era todo o delicto que descobriam nos frades; tirar-lhes os bens e deixal-os em paz era um roubo que não se poderia cohonestar; recorreu-se á calumnia, envolveram-se nos crimes verdadeiros ou falsos d'uns todos os outros, e assim d'algum modo julgaram justificar a acção de lançar mão dos bens alheios.

Varatojo era pobre, era franciscano, não havia portanto prata em casa, salvo os calices e ciborios, que graças á habilidade d'um joven não caíram nas mãos do governo. Toda a mobilia do convento foi posta em leilão, depois de dispersarem os frades por outros conventos.

Foi esta uma medida que jámais hei podido explicar. Varatojo era conhecido em todo o reino por sua extrema pobreza, pela exacta observancia da vida regular, por seu espirito verdadeiramente apostolico, e todavia Varatojo é extinto antes dos outros conventos? Seria esta uma medida da maçonaria? Julgo-o muito verosimil.

A bibliotheca não entrou no leilão, e ainda se conservou intacta até 1837, anno em que fôram enviados 50 caixões de livros para a Bibliotheca publica de Lisboa; sendo os restantes considerados como *res nullius*, e portanto do primeiro que lhes pôde lançar a unha.

A igreja, devido ao zêlo do Rev.º Prior de S. Pedro de Torres Vedras, P. Antonio Joaquim d'Abreu Castello Branco, não soffreu o minimo desacato; conservou-se sempre n'ella o SS. Sacramento, e bem assim jámais se deixou de celebrar missa n'ella aos domingos e dias santificados.

Expulsos os religiosos, Varatojo foi administrado por varios locatarios mais ou menos conservadores, até que foi posto em leilão, no qual o ar-

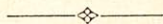
rematou o Barão da Torre de Moncorvo. Por morte d'este coube em herança a seu filho mais velho o Conde da Torre, que ou por tirar pouco interesse de semelhante propriedade, ou o que é mais fundado, por assim o exigirem as suas finanças mostrou vontade de o vender o que effectivamente veio a effectuar.

Eram passados 26 annos desde que os frades haviam sido expulsos, e Fr. Joaquim do Espirito Santo, um dos egressos de Varatojo vivia na quinta das *Lagrmas* junto a Coimbra quando o Conde da Torre determinou vender Varatojo: Fr. Joaquim só desejava tornar a habitar no seu querido convento, e a idéa de que ainda o conseguiria acompanhara-o sempre desde que sahia a portaria pela ultima vez.

Conseguiu com effeito depois de muitas delicias sua compra com auctorisação do Superior Apostolico. Foi lavrada a escriptura da venda em Lisboa no dia 24 de dezembro de 1860; ficando por esta fórma Fr. Joaquim possuidor do que por dois titulos lhepertencia.

Muitos dos religiosos expulsos de Varatojo que ainda viviam, fôram logo avisados por Fr. Joaquim da compra do convento, para voltarem de novo se quizessem; voltaram sete, que tomaram pôsse no dia 7 de fevereiro de 1861.

São passados 40 annos, e durante todo este tempo Varatojo tem prestado á sociedade immensos beneficios, que agora, parece, lhe vão ser recompensados pela maçonaria, expulsando de novo os seus habitadores! Sim senhores, é assim que a maçonaria costuma pagar! E os catholicos ficarão ainda de braços cruzados, contemplando estas amabilidades!...



*Novos membros da Pia União.* — Desde a publicação do ultimo fasciculo foram inscriptos mais os seguintes membros da *Pia União* de Santo Antonio:

<i>Patriarchado</i> . . . . .	80
Lisboa (centro de Nossa Senhora das Mercês) . . . . .	80
<i>Arcebisado de Braga</i> . . . . .	63
Guimarães . . . . .	26
Santa Marinha da Costa . . . . .	6
Silvares . . . . .	4
S. Jorge . . . . .	1
S. Pedro de Freitas . . . . .	7
Santa Eufemia de Prazins . . . . .	6
Serafão . . . . .	5
Guinhães . . . . .	2
Santa Eulalia de Barrosos . . . . .	6
<i>Diocese do Porto</i> . . . . .	46
Lousada . . . . .	23
Canedo . . . . .	2
Esmoriz . . . . .	15
Refontoura . . . . .	6
<i>Diocese de Bragança</i> . . . . .	35
Vinhaes . . . . .	35
Varias partes . . . . .	28
Associados do numero passado . . . . .	135:280
Total dos associados . . . . .	135:532

## BRAGA

Petições depositadas. . . . .	25
Cartas de agradecimento . . . . .	5
	—
Total das cartas . . . . .	30

*Graças a Santo Antonio*

Ahi vae, meu amado Santo a esmolinha que vos prometti para os vossos pobres, pela graça que me obtivestes, com a resolução de continuar a assignatura da vossa «Voz», emquanto durar o effeito d'aquella outra graça. Vossa bondade me releve a demora e me obtenha da Rainha Immaculada a graça de ser sacerdote segundo o Coração de Jesus, de immolar toda a minha vida e todo o meu ser unicamente ao Seu serviço, honra e gloria; e de que estas sejam sempre, como agora, as unicas aspirações da minha alma, as unicas condições com que desejo a vida. — P. B.

— *Ao milagroso Santo Antonio.* — Em agradecimento d'uma graça temporal enviam para o Pão dos seus pobres 150 réis — *Dous seus devotos.*

— *Milagroso Santo Antonio.* — Aqui vos remetto 300 réis que vos prometti; peço-vos Santo Bemdito que peçais muito á SS. Virgem, que se digne alcançar do SS. Coração de Jesus a saude para minha filha, e dentro em breves dias, a graça d'ella se alimentar e desenvolver.

Milagroso e grande Santo peço-vos tambem muito que me obtenhaes a graça espiritual que tanto desejo e que me é tão necessaria. Alcançai-m'a dentro em breves dias sim meu protector Santo Antonio? Tomae-me debaixo de vossa santa protecção e a toda a minha familia e a todas as creadas. Rogae muito a Nosso Senhor por todos nós, alcançae-me Santo Bemaventurado do Bom Deus, tambem a graça de saber bem governar e dirigir todos os trabalhos domesticos, pois bem sabeis que esta graça me é muito necessaria e eu vos serei por tantos favores eternamente grata. — *Uma vossa devota.*

— Agradeço-vos, querido Santo Antonio, o meu pedido; que seja para minha felicidade, e espero sempre a vossa protecção. — *Antonio Leite.*

— *Meu glorioso Santo Antonio, Protector dos afflictos.* — Eu, e toda a minha familia estavamos em uma grande consternação e afflicção, e fomos cheios de confiança e fé aos vossos pés pedir para nos valerdes em nossa cruel afflicção, e para Deus Nosso Senhor nos dar remedio na grande tribulação em que todos estavamos. E Santo Antonio milagroso se dignou ouvir nossos rogos, e despachar nosso pedido. Vamos agora agradecer e com muita gratidão lhe enviamos essa pequena esmola de 2\$500 réis para o pão dos pobresinhos. Peço mais a Vossa Santa protecção para todos nós e para meu irmão que está no Brazil, para que elle seja muito feliz em todos os seus negocios e para continuar a ser nosso amigo a fim de nos dar uma mezada para podermos viver em nossa casa e seguirmos sempre o caminho da virtude para podermos ir para o céo. Recebei os votos d'esta vossa indigna serva muito devota e humilde assignante. — *A. J. M.*

## ATHEÂES

Recebemos com grande prazer o relatório dos novos associados que acabam de inscrever-se

na *Pia União* ao appello do Rev.<sup>mo</sup> P. F. Manoel da Trindade que tem sido um incançavel propagador das instituições Antonianas.

Reservando para o proximo numero a indicação dos novos associados de Atheães, contentamo-nos por hoje com a transcripção das palavras que, ácerca da missão feita em Atheães por aquelle Rev.<sup>mo</sup> Padre com seu collega o P. F. Francisco d'Assumpção, lemos no *Commercio do Minho* de 12 de março:

«Eservevem-nos de Atheães, concelho de Vila Verde:

Nos calamitosos tempos que atravessamos, em que os liberaes, *espíritos fortes*, tudo querem avassallar, como senhores despoticos, pois em nome da *liberdade* querem calcar aos pés a liberdade, não consentindo que pessoas *sui-juris* possam dispôr da sua vontade, ou que homens, muitos velhos, já possam viver em comunidade, julgo de alta conveniencia que o que se fizer em prol da religião seja bem conhecido na imprensa para mostrar ao bando maçonico, que a fé em Portugal ainda não morreu, antes se procura revigorar mais. Seja exemplo esta pequena freguezia que pastoreio.

No dia 17 de fevereiro passado principiou aqui uma missão dada pelos revs. Padres de Montariol, Fr. Francisco d'Assumpção e Fr. Manoel da SS. Trindade. Logo no primeiro dia a affluencia de povo foi grande, e nos dias seguintes foi augmentando; porém, no domingo de tarde o auditorio foi extraordinario. Perto de 5:000 pessoas, ao ar livre, pois não cabiam na igreja, assistiram ao sermão com o maior recolhimento e fervor, e durante toda a semana assistiram a todos os sermões, tanto de manhã como de tarde, de 3:000 a 5:000 pessoas.

Que consolação para mim, como parcho, e que consolação para os santos prégadores que tanto trabalharam.

No domingo, 3 de março, foi a conclusão. Houve de manhã sermão da communhão, commungando cêrca de 2:000 pessoas; ás 10 horas realisonou-se a festa ao SS. Sacramento, constando de missa cantada a grande instrumental, sermão pelo rev. Fr. Francisco da Sagrada Familia, benção do SS. Sacramento, e de tarde sermão de conclusão da missão.

Os fructos d'ella têm sido abundantissimos. Durante toda a missão houve muitos confesores, estando o povo verdadeiramente contricto e mostrando-se possuido do mais vivo respeito pela eloquencia, humildade e santidade de tão bons religiosos.

E ainda haverá quem grite contra as ordens regulares? Oh! falem d'isso ao povo d'aqui, que elle saberá defendel-as...»

## VIANNA DO CASTELLO

*Graças a Santo Antonio*

*Meu querido Santo Antonio.* — Aqui vos mando a quantia de 440 réis, importancia de 11 borões para os pobresinhos de Santo Antonio pelo milagre que me fez; e as pessoas que as levarem rezarão um Padre Nosso e uma Ave Maria, pela intenção de quem as dá.

— *Meu glorioso Santo Antonio.* — Venho agradecer-vos a graça que me concedestes; e aqui

Recebemos e agradecemos a «Aurora», de Chaves, o «Estandarte Catholico», da Bahia, o «Jornal do Brazil», do Rio de Janeiro, o «Labaro», de Campos, a «Liberdade», orgão da colonia portugueza na California, o «Atheta Christão», dos Arcos de Valdovéz, a «Liberdade», de Lisboa, a «Esperança», de Braga, a «Moda Illustrada», de Lisboa, a «Bibliographia», de Coimbra, o «Correio Selecto», de Villa do Conde.

Ao «Amigo de Los Pobres», á «Flôr do Tamega», ao «Jornal dos Arcos», ao «Progresso Catholico», á «Folha da Manhã», e a outros collegas da imprensa agradecemos as expressões mais que benevolas com que acolheram o nosso numero de março.

Agradecemos tambem ao «Commercio do Vez», ao «Atheta Christão», ao «Jornal de Penafiel» e ao «Realista» os continuos reclamos que fazem á nossa Revista na sua secção de annuncios.

A «Estrella Oriental» transcreveu os nossos artigos «Throno e Confessionario», a «Torre e Sanatorio Real do Ourão» (Almanach de Santo Antonio) e um *milagre*. Agradecemos. Este mesmo agradecimento devemos ao «Peregrino de Lourdes» e á «Revista Catholica» que transcreveram algumas locaes da «Voz de Santo Antonio».

A «Voz da Verdade» entrou no seu 8.º anniversario e as «Folhas Soltas» entraram no 3.º Por muitos annos e felizes.

Já nos esquecia de agradecer ás «Novidades» e ao «Diario da Tarde» as transcripções e os commentarios que têm feito a esta Revista, a qual, sendo do *milagroso Santo Antonio*, bem escusava *salamaleques* de doutores avariados.

Damos em seguida o summario de algumas publicações importantes que visitaram a nossa redacção :

**La Civiltà Cattolica.** — Summario do n.º 1220.

I. Liberali e Cattolici di fronte al socialismo	Pag. 129
II. Della Stela del Foro e della sua Iserizioni arcaica.	140
III. Il Romanzo moderno in Inghilterra	150
IV. Il divorzio in Italia <i>Studio giuridico</i>	159
V. Sotto le Palme. Novelle orientalle.— <i>Y fratelli dell'uomo</i>	172
VI. Di un nuovo trattato sulla grazia divina	187
VII. Nankin. Porto aperto	192
VIII. Il giudizio della «Civiltà Cattolica» intorno il nuovo periodico «Studi religiosi»	195
IX. Bibliografia	206
X. Scienze naturali. <i>Botanica biblica—Nuove misure acustiche—Nuova Stella.</i>	218
XI. Cose Romane	226
XII. Cose italiane	233
XIII. Notizie generali di cose stranieri	237
XIV. Portogallo. <i>Nostra corrispondenza</i>	244
XV. Grecia <i>Nostra corrispondenza</i>	249
XVI. Cose varie.	253

**La Civiltà Cattolica.** — Summario do n.º 1219.

I. Il centenario dell' abate Vincenzo Gioberti.	Pag. 5
II. Il Divorzio in Italia. <i>Studio giuridico</i>	23
III. Un Cardinale Legato a Latere a Parigi nell' ottobre del 1801	37
IV. Studi d'antica letteratura cristiana e patristica	52
V. Questioni morali scolasticamente trattate ad uso odierno.	65
VI. La Canzone del d'Annunzio su G. Verdi	71
VII. Bibliografia.	76
VIII. Cose Romane	97
IX. Cose italiane.	
X. Notizie generali di cose straniere	109
XI. Germania. <i>Nostra corrispondenza</i>	114
XII. Inghilterra. <i>Nostra corrispondenza</i>	122
XIII. Cose varie.	125

**Etudes Franciscaines.** — Summario do n.º d'abril.

I. La Lousiane—P. Alexis	337
II. Les Bases de la Morale et la Relativité de la Connaissance—P. Raymond	367
III. Saint François et la Conversion de l'Angleterre—P. Cuthbert.	385
IV. Theorie de la pluralité des formes et la Chimie moderne—M. Monnier.	393
V. Capucin geographe—P. Ubald.	399
VI. Iterum «Quo Vadis»—P. Exupère	413
VII. Revue des Revues Franciscaines—P. Ernesti Marie	418
VIII. Bibliographie	423

**Boletin de la Real Academia de la Historia.** — Summario do n.º d'abril.

INFORMES.

I. Nuevas inscripciones romanas de Talavera de la Reina, Cartagena y Lugo—Fidel Fita	241
II. Traducción francesa de dos obras árabes interesantes para nuestra historia. Nota bibliographica. — Cesareo Fernandez Duro	249
IV. El intérprete árabe de Fr. Bernardino Gonzalez. Nota bibliográfica. — Manuel Asin	267
V. Estudio juridico de las capitulaciones y privilegios de Cristobal Colon—Angel de Altolaguirre y Duvale.	279
VI. Matanza de judios en Córdoba en 1391 —Rafael Ramirez de Avellano	294
VII. Alfaz de Mataró—Apuntes arqueológicos e historicos—Juan Rubio de la Serna	314

VARIEDADES.

I. Nuevas de la familia de Miguel de Cervantes. — Cesareo Fernández Duro.	315
II. Relacion de los inquisidores generales de España —Cesareo Fernández Duro	
III. Pleito contra la langosta. — Cesareo Fernández Duro	322
Noticias	326

## L'ASSOCIATION CATHOLIQUE

Revue mensuelle des questions sociales et ouvrières

PARIS, 14, Rue de l'Abbaye, 14, PARIS

SOMMAIRE DU 15 AVRIL 1901

277 Mis DE LA TOUR DU-PIN CHAMBLY. — De la

*représentation de l'ogriculture près des Pouvoirs publics.*

- 285 EMMANUEL RIVIÈRE. — *Les Conseils de prud'hommes.*  
 296 Cte A. FLEURET DU POUGET. — *A travers les écoles sociales. Catholicisme social et socialisme révolutionnaire.*

• Chronique

- 302 HENRY SAVATIER. — *Le mouvement social et le mouvement catholique en France.*  
 312 G DE PASCAL. — *Chronique de l'Etranger. — Allemagne*  
 315 G. LAURENS. — *Le mouvement syndicat et ouvrier.*

Documents sociaux

- 319 MIs DE LA-TOUR-DU-PIN CHAMBLY. — *Les vœux de la Société des agriculteurs de France (32.ª session).*  
 322 V. DE CLERCQ. — *Pensées de Mr Waffelaeri sur le juste salaire.*  
 324... — *Discours du comte de Mun dans la discussion de la loi sur les associations (art. 14 liberté d'enseignement).*  
 357... — *La loi sur les associations (texte voté par la Chambre des Députés).*  
 363 V. DE CLERCQ. — *Chronique bibliographique. I. Bibliographie. II. Revues.*

SUPLÉMENTS DE LA REVUE

«LE PAIN» — Revue des questions sociales féminines

- 177 DOCTEUR PECKER. — *L'assistance maternelle à domicile (suite et fin).*  
 182... — *Le travail de la femme. Le congrès de Zurich en 1897.*  
 189 PAULE VIGNERON. — *Chronique: Les Conférences sociales.*

LECTURES POPULAIRES ILLUSTRÉES D'ÉTUDES SOCIALES

(Pages 49 à 64).

**Correspondente da «Voz».** — Em Leiria é o exc.º sr. Antonio Augusto Lopes.

Aos snrs. assignantes do Brazil damos a boa nova de que, desde principio do anno corrente, sua assignatura fica custando só 1\$500 réis fortes, e isto devido a ter baixado o preço de transporte.

Aproveitamos a occasião para lembrarmos aos que ainda se encontram em debito a necessidade de satisfazerem suas assignaturas, para

que não sejamos obrigados a suspender a remessa da «Voz».

ALMANACH DE S. ANTONIO

PARA 1901

Temos ainda alguns brochados.

Custa 250 réis incluindo o porte do correio.

Já estão promptas as capas para a 3.ª serie da «Voz» (99 e 900) — em percalina dourada a 400 rs. incluindo o porte do correio.

Dentro em pouco teremos tambem á venda capas para a 1.ª e 2.ª serie 95 e 96, 97 e 98. Encarregamos-nos de mandar proceder ao empaste por 120 rs. cada volume.

**Index** para 99 e 900. — Os snrs. assignantes, que desejarem encadernar a «Voz», dignem-se reclamar o.

Para os que pedirem capas será remettido sem reclamação.

As Angustias do Coração de Maria

POR

F. DINIZ D'AYALLA.

Encontra-se á venda na administração da «Voz de Santo Antonio»

Custa 100 réis incluindo o porte do correio

Um pequeno giro pelo Purgatorio

E' um livrinho proprio para ensinar os devotos das almas do Purgatorio a empregar os dias da semana em suffragio das ditas almas.

Custa :

De 1 a 10 cada.....	50
De 10 a 25 " .....	40
50.....	1\$750
500.....	3\$000

ALMA AOS PÉS DE MARIA

Um bello livro proprio para os exercicios do mez de Maio em honra de Maria Santissima.

Brochado 300 réis. — Encadernado 400 réis.

Livraria Castro-Editora—Povoa de Varzim.

VOZ DE S. ANTONIO

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

**Direcção.** — Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Director da «Voz de S. Antonio» — Braga.

**Assignatura.** — 1\$200 réis por anno, no reino e ilhas adjacentes, para os demais paizes accresce o importe do correio.

vos apresento a primeira prestação de 2\$500 réis pela promessa que vos fiz — *Uma vossa devota.*

— *Milagroso Santo Antonio.* — Remetto-vos 100 réis que vos prometti para o pão dos vossos pobresinhos e muito vos agradeço o milagre que me fizestes. — *Sou uma vossa devota — M.*

— Em cumprimento d'um voto, por graça obtida, 200 réis. 31-5-900.

— Em cumprimento d'um voto por graça obtida, 200 réis. — Dezembro de 900.

— Em cumprimento d'um voto por graça obtida, 200 réis. — Janeiro de 901.

### GUIMARÃES

Do snr. Joaquim Martins Guimarães recebemos o quadro synoptico das receitas e despesas do *Pão de Santo Antonio* na igreja de S. Francisco em Guimarães. Mais adiante publicamos esse quadro. Recebemos tambem as seguintes

#### *Graças a Santo Antonio*

— Agradeço-vos, *glorioso Santo Antonio*, o despacho do pedido que vos fiz: eu vos remetto para o Pão dos vossos pobresinhos 100 réis e prometto de hoje para o futuro ser muito vossa devota.

— *O' Glorioso Santo Antonio.* — Se me fizerdes esta graça que eu vos peço, glorioso Santo, logo que m'a despacheis remetto para o pão dos vossos pobresinhos 500 réis. Não vos esqueçaes, *Santo Antonio*, porque é uma necessidade para a paz de nossa casa.

— *O' Glorioso Santo Antonio.* — Agradeço vos a grande graça que me fizestes ha poucos dias, que me livrastes d'uma grande afflicção eu vos agradeço glorioso Santo e vos remetto para o *Pão dos vossos pobresinhos* 500 réis. D'hoje para o futuro continuarei a ser muito vossa devota, não deixeis de proteger-me, *Santo Antonio*, pois eu tambem não me esqueço de vós.

### PAREDES

*D'uma carta do Rev.<sup>mo</sup> Snr. Padre João de Souza Pacheco* a esta Redacção extrahimos o seguinte:

«Na capella de Bairros fez-se no dia 2 do corrente a distribuição do *Pão dos Povres*. Fez uma pratica adequada ao acto o Rev.<sup>mo</sup> Fr. Manoel da SS. Trindade, que estava n'uma missão em S. Lourenço, concelho de Louzada, e que fez o sacrificio de vir aqui.

Distribuíram se 20 alqueires de pão em borôas que valiam bem 200 réis cada uma. Foi a 3.<sup>a</sup> distribuição.»

### TORRÃO

*A Exc.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Anna Victoria Tello Brandariz* pede a publicação d'estas duas graças de *Santo Antonio*.

— Uma devota de *Santo Antonio* vendo-se n'uma grande difficuldade e com receio que lhe succedesse um grande prejuizo recorreu a *Santo Antonio* promettendo-lhe 500 réis para o *Pão dos Pobresinhos*, e a publicação da graça na *Voz de Santo Antonio*. Foi attendida e já lançou na caixa a esmola promettida.

— O mesmo Santo concedeu-lhe, o que tanto lhe pedira, de vêr melhorar quasi repentinamente a um doente que se achou em grande perigo de vida.

### REZENDE

*Snr. Redactor*

S. Cypriano, 1 de março de 1901.

Peço a V. a fineza de consignar na *Voz de S. Antonio* uma graça que obtive, e cuja publicação prometti fazer na *Voz* e no *Mensageiro do Coração de Jesus*.

Enviarei para o Pão dos Pobres uma modesta quantia que offertei, se dentro d'um anno, aqui se não estabelecer, como espero, tão sympathica instituição.

Com subida estima me subscrevo

De V. etc.

*Padre Alberto Cardoso.*

### VINHAES

#### *Graças a Santo Antonio*

— *Milagroso S. Antonio.* — Desde a minha infancia vos dedico a mais piedosa devoção. A minha fé convosco é grande: e tenho conhecido evidentemente, que vós muitas vezes me tendes attendido. Ainda não ha muitos mezes, que me concedestes uma graça pela qual vos prometti 200 réis. Descuidei-me em vol-os mandar; mas faço-o hoje, pedindo-vos me perdoeis o meu descuido e me ampareis sempre em todos os meus males e necessidades. Peço vos ainda muito particularmente me alcanceis de N. Senhora a graça de continuar a dar-me saude, assim como á minha unica e extremosa irmã, que eu vos prometto tambem que a minha devoção para convosco ha de durar em quanto tiver vida esta vossa mais humilde devota. 8-12-900. — *A R.*

— *Meu Glorioso Santo Antonio.* — Eu vos agradeço do intimo da minha alma a graça que Vós me concedestes; pela qual eu vos remetto a quantia de 1\$000 réis para o pão dos vossos pobres, como vos prometti. — *Vossa serva L. A. M.*

— *Meu Glorioso Santo Antonio.* — Ah! vos envio para o pão dos pobresinhos a quantia de 1\$000 réis que vos prometti por outra graça que vos pedi e me concedestes. — *Vossa devota L. M.*

— Por outra graça recebida pela intercessão de *S. Antonio* envio para o pão dos Pobres 500 réis, esperando que me continuará a proteger. — *Maria dos Santos.*

— Agradeço-vos *Santo Bemdito*, a vossa protecção que do fundo d'alma vos continuo a implorar, para meu marido e filhas e não vos esqueçaes d'esta vossa devota e associada. Envio-vos 500 réis para os vossos pobresinhos, em agradecimento pela feliz viagem que fizemos. — *Vinhaes 11—2—1901.* — *A. E. P.*

— *Meu Santo Bemdito.* — Esta vossa associada vos envia 200 réis para os vossos pobresinhos pelas graças de vós obtidas. Continuae meu Santinho a proteger-me, a meu marido, filhos e netinhos. Peço-vos mais as melhoras de minha santa cunhada. — *Vinhaes, 11—2—1901.* — *C. F. S.*

— *Santo Milagroso*. — Uma vossa associada vos envia 60 réis para o pão dos vossos pobresinhos. Pede-vos a protejaes e a seu marido, pede-vos a paz para toda a sua familia. — Bragança, 8—2—1901. — *E. L. B.*

— *Santo Antonio*. — Uma vossa associada e devota vos envia para os vossos pobresinhos 200 réis. — Vinhaes, 18—11—1900. — *M. R.*

— *Domingos dos Ramos*, agradece-vos, Santo Antoninho o milagre que lhe alcançasteis de Jesus e Maria, e vos envia 200 réis para os vossos pobresinhos. — Ouzilhão, 13—8—1900.

— *Santo Antonio*. — Foi meu filho para o Brazil, guardai-m'o e que elle torne aos braços de sua mãe e pae. Para os vossos pobrezinhos vos envio 40 réis. — Vinhaes, 13—9—1900. — *M. C.*

— *Um devoto e associado de Santo Antonio* envia 500 réis de esmola; para o pão dos pobresinhos. — Vinhaes, 26—1—1901. — *V. F. C.*

— *Francisco Antonio Ferreira* associado de Santo Antonio, envia 200 réis para o pão dos pobresinhos, em agradecimento pelas boas noticias que teve de seu filho que está no Brazil. Peço-vos Santo Bemdito o protejais sempre, e que d'elle me continuem boas noticias. — Vinhaes, 20—1—1901.

— Humildemente, *meu Glorioso Santo Antonio* Vos envio 200 réis para os vossos pobrezinhos, que vos prometti se o meu filho José ficasse bem nos exames Espero que em outubro fique bem em latim. Remetto mais 50 réis para que o protejais nos seus estudos. — Bragança, 12—8—900. — *Beatriz dos Prazeres Affonso.*

— *Uma vossa associada*, vos envia 150 réis para os vossos pobrezinhos, em agradecimento d'uma graça que lhe alcançastes de Jesus e Maria. — Vinhaes, 29—3—1900. — *R. R. S.*

— *Santo Antoninho*. — Remette-vos 100 réis para os vossos pobrezinhos por estar melhorsinha, continuai a melhorar-me, e permitti que a minha madrinha me deixe alguma coisa, que hei de mandar-vos uma esmola maior. — Vinhaes, 20—9—1900. — *M. R.*

— *Santo Bemdito*. — Envio-vos 200 réis para o pão dos vossos pobresinhos, em agradecimento d'uma graça que me alcançasteis de Jesus e Maria. Continuai a proteger-me. — Vinhaes, 21—7—1900.

— *Uma vossa associada*, a quem melhorastes um animalzinho vos envia 60 réis para o pão dos vossos pobresinhos, em agradecimento d'esta graça. — Vinhaes, 1—1—1901. — *M. R. T.*

### BRAGANÇA

#### *Graças a Santo Antonio*

— *Meu Santo Antonio*. — Remetto-vos para o pão dos vossos pobres a quantia de 200 réis por varias coisas que me fizestes. Muito vos agradeço meu Santo Antonio e permitta Deus que sempre me ouçais nas minhas petições — 2 de agosto de 1900 — *L. B.*

— *Meu Santo Antonio*. — Envio-vos 500 réis para o pão dos vossos pobresinhos em cumprimento de uma promessa que vos fiz e que vos dignastes ouvir me. Abençoe-me, meu Santo Antonio — *Maria P. P.*

— *Meu Santo Antonio*. — Envio-vos 1\$000 rs.

para o pão dos vossos pobresinhos agradecendo-vos a transferencia de meu marido para a terra d'elle, o que eu muito estimei. Abençoe esta vossa irmã *Maria*.

— *Meu Santo Antonio*. — Remetto vos a quantia de 240 réis por me fazerdes tão grande favor como vos eu pedi. Eu vos agradeço meu Santo Antonio e dignae-vos abençoar esta vossa serva — *Maria*.

### ILHA TERCEIRA (ANGRA)

*A Exc.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Anna Coelho* pede-nos a publicação das graças seguintes alcançadas pela intercessão de Santo Antonio; com promessa de esmola para o pão de Santo Antonio no Seminario d'Angra, o que já satisfez.

1.<sup>a</sup> Melhoras de duas pessoas enfermas com doenças mentaes.

2.<sup>a</sup> Resolução d'um negocio de que dependia a paz d'espírito.

3.<sup>o</sup> Descobrimto d'um roubo.

### BRAZIL (GUARATINGUETÁ)

De cartas particulares recebidas de Guaratinguetá sabemos que prosperam ali muito as devoções antonianas.

E' digno de muito louvor o snr. Victor Amadeu Veiga que não se poupa a sacrificios para fazer triumphar a causa catholica. Mais adiante publicamos o rendimento dos cofres de Santo Antonio em Guaratinguetá.

#### *De diversas partes :*

— *Meu Glorioso Santo Antonio*. — Mais uma vez venho render vos graças, por terdes escutado a minha supplica e soccorrido na grande tribulação por que acabo de passar. Milagroso Santinho rogae a Nosso Senhor Jesus Christo, por sua Mãe Maria Santissima, em cuja presença estaes, que me conceda e a toda a minha familia dias de paz, e nos dispense a sua divina proteccão, em todos os dias da nossa vida. Fazei meu protector, o milagre de que nos sejam entregues as differentes quantias de dinheiro, que estão mal paradas e em risco de se perdemos. Se as recebermos repartiremos com os vossos pobresinhos.

Meu Santinho faço-vos aqui entrega da minha pessoa, marido e filho, para que nos livreis dos nossos inimigos, temporaes e espirituaes, nos livreis de todos os perigos e nos depareis as nossas coisas que estão perdidas.

Repito a minha supplica para que me concedaes saude e a todos os meus.

A minha creada M. pede vos a graça de a socorrer n'aquella necessidade que vos tem exposto.

Cheia de fé beijo em espirito a fimbria do vosso habito.

A mais devedora das vossas associadas. — *M. C.*

— Remetto 1\$000 réis em cumprimento do meu voto.

*Snr. Redactor*

Peço a fineza de deitar na caixa do Pão dos Pobres de S. Antonio a quantia de 1\$000 réis que remetto, e publicar na *Voz de S. Antonio* o seguinte :

— Confesso me agradecida a S. Antonio por muitos favores d'elle recebidos e especialmente pela paz entre duas familias que todos julgavam difficilima e que devido ao mesmo Santo são hoje amigas. Envio 1\$000 réis que prometti pela mesma graça. Agora imploro mais uma vez o vosso favor pedindo vos que me desapareça um encommodo que tenho e a graça que tantas vezes

vos tenho pedido, promettendo-vos se me alcançares estas graças dar 2\$000 réis para o pão dos vossos pobres e ser assignante da *Voz de S. Antonio* durante seis annos e publicar as mesmas graças. — Vossa devota agradecida — *Virginia*.

*Snr. Redactor*

Peço a V. a fineza de aceitar a esmola de



CHRISTO E A MAGDALENA

1\$500 réis para o pão dos pobres de Santo Antonio.

Significa esta offerta o cumprimento de um voto.

Com muita consideração me subscrevo  
27 de fevereiro.

De V. etc.

*Um assignante da «Voz de Santo Antonio».*

Sr. Director da *Voz de S. Antonio*. — Inclusive lhe envio 1\$000 réis para o cofre do Pão dos Pobres de Santo Antonio, com a seguinte dedicatória para ser publicada na *Voz de Santo Antonio*:

*Meu Glorioso Santo Antonio* — Prometti, darvos 500 réis para o pão dos pobres se a E. milhorrasse, e como ella já se acha restabelecida, muitas graças vos dou e vos envio aquella quantia, e como eu ha muito tempo vos tinha promettido 300 réis para o pão dos pobres, ajunto-lhe mais 200 réis pedindo-vos a vossa devina protecção para vossa serva. — *M. H.*

— *Meu Santo Protector*. — Agradeço-vos a graça que me fizestes de me melhorar da grande doença que tive, pois estava anemica de todo e hoje com o vosso auxilio por mercê de Deus estou melhor d'esse soffrimento, apesar de ter outros que incommendo á vossa protecção confiada em que os haveis de remediar.

Já entreguei os 5\$000 réis ao pobresinho que vós sabeis e prometto-vos mais 500 réis para o pão dos vossos pobresinhos pedindo-vos me concedaes mais 5 graças temporaes que vós bem conheceis, se forem para honra e gloria de Deus e salvação das pessoas para quem foram pedidas, e d'ellas darei publicidade logo que me concedais as referidas graças.

Meu glorioso Santo, tenho sido vossa devota e de hoje em diante continuarei a sel-o ajudada com a vossa protecção, espero que me abençoareis e a todos os meus, afim de caminhar-mos sempre pelos caminhos rectos da salvação. — *Tellões, — Uma vossa devota.*

— *Glorioso e Grande Santo Antonio*. — Cheia de alegria e reconhecimento venho publicar no vosso jornal, como vos prometti as graças que do Senhor me obtivestes: — foi a primeira o livreres do caminho da perdição, em que tinha dado já alguns passos, aquella pessoa joven, sem experiencia, eil-a livre do grande perigo, sem que nem a sua reputação fosse manchada: — outra, o ser curada da enfermidade que lhe tirou a vista uma pessoa de minha familia, e uma graça espirital para outro ente querido.

Já dei as esmolinhas para os vossos pobres, como prometti. Agora resta-me supplicar-vos humildemente que continueis a proteger-me, a socorrer-me em todas as minhas afflções e necessidades.

Louvo e bendigo ao Senhor por tantas graças que me tem feito pela vossa valiosissima intercessão. Peço-vos, meu Santo Protector que me obtenhaes a graça de eu fazer os santos exercicios e tirar muito fructo d'elles. 2-3-901. *E. C. F.*

— *Meu querido Santo Antonio*. — Cheio de confiança vos agradeço a vida de minha mãe.

— O rev.<sup>o</sup> Padre José Antonio d'Almeida, de Aljustrel, por intenção de uma sua parochiana. — *A. M. S.* — 2\$250 réis.

— *A. C. Lopes*, (Cabo Verde) promettendo a

Santo Antonio assignar a sua «Voz», e dar-lhe uma esmola para o Pão dos Pobres, tendo-a obtido, vem cumpriu a promessa, remmettendo a esmola, e assignando a «Voz de Santo Antonio».

— *Meu Santo Antonio*. — Envio-vos 4\$000 rs. que vos prometti para os vossos pobresinhos por me attenderdes n'um pedido temporal. Agora peço-vos que continueis a attender-me em tudo o que vos pedi e tambem vos peço que toqueis o coração de quem vos roubou 4\$000 réis que já vos mandei ha tempos que era este mesmo, mas quem levava a carta esqueceu-se de a registar e assim se perdeu. Se fizerdes o milagre d'esta restituição eu vol-a offereço já. — *Lazarim, 7-3-1901 — J. A. V. P. de M.*



### Os cofres do Pão dos pobres de Santo Antonio

**Braga.** — Em Fevereiro 167\$220 réis incluindo o agio d'uma libra em ouro.

#### GUIMARÃES

### Pão dos Pobres de Santo Antonio na igreja de S. Francisco

#### RECEITA

Em 4 de maio de 1900 — 1. <sup>a</sup> tiragem da Caixa de Santo Antonio. . . . .	14\$240
Em 20 de maio de 1900 — 2. <sup>a</sup> dita . . . . .	18\$600
Em 20 de junho de 1900 — 3. <sup>a</sup> dita . . . . .	16\$800
Em 4 de julho de 1900 — 4. <sup>a</sup> dita . . . . .	12\$455
Em 31 de julho de 1900 — 5. <sup>a</sup> dita. . . . .	8\$000
Em 27 de setembro de 1900 — 6. <sup>a</sup> dita. . . . .	14\$000
Em 28 de setembro de 1900 — Entrega do Sr. Ministro . . . . .	1\$500
Em 3 de dezembro de 1900 — 7. <sup>a</sup> tiragem. . . . .	37\$800
Em 31 de dezembro de 1900 — 8. <sup>a</sup> dita. . . . .	12\$450
<b>Total . . . . .</b>	<b>135\$845</b>

Em 25 de fevereiro de 1901 — Saldo credor da presente conta . . . . . 15\$485

#### DESPESA

Em 29 d'abril de 1900 — 1. <sup>a</sup> distribuição (228 boroas) . . . . .	22\$800
Em 13 de junho de 1900 — 2. <sup>a</sup> dita (190 boroas) . . . . .	19\$000
Em 2 d'agosto de 1900 — 3. <sup>a</sup> dita (220 boroas) . . . . .	22\$000
Em 4 de outubro de 1900 — 4. <sup>a</sup> dita (220 boroas) . . . . .	19\$800
Em 8 de dezembro de 1900 — 5. <sup>a</sup> dita (200 boroas) . . . . .	18\$000
Em 6 de janeiro de 1901 — 6. <sup>a</sup> dita (200 boroas) . . . . .	18\$000
Custo de cartões . . . . .	760
Saldo em caixa. . . . .	15\$485
<b>Total . . . . .</b>	<b>135\$845</b>

#### RECAPITULAÇÃO

Recetta total . . . . . 135\$845



Despesa com 1:258 boroas e cartões . . .	120\$360
Sobras . . . . .	15\$485

Secção Scientifico-litteraria

Guimarães, 25 de fevereiro de 1901.  
O encarregado,

A aldeia

*Joaquim Martins Guimarães.*

**Guaratinguetá.**—Em outubro de 1900, abri os cofres pela vigesima vez, para a vigesima quarta distribuição e achei 112\$140 réis, que distribui por 73 pobres. Rendeu bem em dois mezes e meio. Deus louvado — *Victor Amadeu Veiga.*

— Em novembro e dezembro de 1900, abri pela vigesima primeira e segunda vez, sendo distribuidos 10\$420 réis por 24 pobres (primeira vez), e 19\$776 réis por 42 pobres (segunda vez). — *Victor Amadeu Veiga.*

A VIDA das aldeias tem um encanto particular e dôce que nem sempre se pôde descrever com toda a verdade.

A par dos dias tristes e amargurados pelo trabalho, d'esse lidar constante e afanoso, em que se moureja desde o alvorecer até que a noite destende o seu manto, ha momentos tambem dos mais expressivos affectos.

Quantias recebidas para o Pão dos Pobres

José Martins Mano Arega — por si e varias pessoas . . . . .	2\$375
Do rev. <sup>mo</sup> Padre José Antonio d'Almeida de Aljustrel, por intenção d'uma sua parochiana . . . . .	2\$250
D. Candida Falcão Leite de Scabra . . . . .	7\$300
De José Joaquim Vallido . . . . .	240
De O. F. A. M. V. de Cerveira, por intermedio do rev. <sup>mo</sup> Padre R. J. Esteves . . . . .	1\$000
De Padre Manoel Vieira . . . . .	1\$000
Do dr. Manoel Antonio Monteiro Limão . . . . .	800
Raymundo d'A. L. . . . .	100
De M. da C. P. d'Arella . . . . .	500
Padre Seraphim Leite da Silva . . . . .	2\$150
Casimiro Pereira Cotta, Rio de Janeiro . . . . .	2\$650
De Antonio Francisco A. . . . .	1\$000

Não fallo aqui das aldeias afidalgadas, onde o progresso levou os seus arribiques, fazendo despertar ambições que nem eram sonhadas; fallo d'aquelles logares singellos e modestos, n'esse agrupamento de pequenas casas, habitação só dos que trabalham, perdidos n'essa immensa vastidão dos campos.

Aqui sim, é que se encontra a vida serena e limpida, longe de todas essas vaidades, d'esses caprichos estonteadores, d'essas ambições fataes, que matam na alma os mais puros e nobres sentimentos.

A aldeia é uma grande familia, unida pelos laços da fraternidade e do amor.

Quem nos primeiros annos da vida se recreou á sombra das suas arvores, nunca mais, se tem coração, deixará de recordar-se de todos os seus encantos.

Recommendações especiaes

- As Ordens Religiosas em Portugal.
- Um amigo de Santo Antonio (Ilha das Flores).
- Uma attribulada (Peniche).
- Uma grande necessidade (Arco de Baulhe).
- Um amigo da Voz de Santo Antonio.
- Uma familia.
- Uma pessoa que deseja entrar n'uma Ordem Religiosa.

As fontes, os campos esmaltados de flôres na primavera, as arvores onde as avesitas fabricam os seus amoveis ninhos, os cantos á lareira, que as creanças escutam jubilosas, tudo fica gravado na alma em caracteres indeleveis.

E a igreja da aldeia ! Essa será sempre um grande templo para nós, embora seja modesta, sem ornatos, sem alfayas.

Para os seus é uma cathedral a mais sumptuosa e dos mais finos lavores.

Os santos que ornam os seus altares não se podem comparar com outros.

Desde os primeiros annos que os contemplamos; são os nossos amigos da infancia.

Temos a convicção profunda que nos conhecem, que são nossos.

A nossa aldeia, direi com orgulho santo; não querendo trocar este modesto berço pela cidade mais rica.

Nas aldeias as festas téem um outro aspecto, muito diverso das grandes cidades,



OS NOSSOS DEFUNTOS

*Pie Jesu, Domine  
Dona eis requiem,  
Amen.*

*Joaquim Gonçalves Thomaz, da freguezia de Limões. Era Terceiro Franciscano.*

R. I. P.

em que outros espectaculos mais phantasticos enlevam a attenção.

O arraial é acontecimento notavel que a todos prende largos dias e até mezes.

Dia de festa, dia grande, em que se estreiam os melhores fatos, em que a alegria se expande em todos os rostos.

Os pobres têm a sua parte. Quem ha que das suas mezas não tire um quinhão para aquelles que pelo trabalho já não podem encontrar meios para a sua sustentação? Todos se auxiliam.

N'estes dias de pleno sol ninguem quer sombras.

Os folguedos populares, com as suas danças singellas, e algumas perfeitamente typicas, completam estes quadros, encantadores e dignos de estudo.

Um baptisado é um facto memoravel, ainda que seja do filho do mais modesto aldeão.

Toma parte na festa toda a aldeia: suspende-se o trabalho, e todos procuram deixar uma lembrança na casa do neophito.

As modestas casas da aldeia não têm as riquezas dos palacios. Não ha baixellas custosas, nem moveis caprichosos. Mas no conjuncto d'aquella singelleza ha uma cousa maior, que é a consciencia serena, que resulta do trabalho e do dever.

O que não falta é o altar, embora modesto, com o seu Christo e os santos da maior devoção.

Nas singellas mezas não ha manjares de principes, mas refeições saudaveis.

E como para dar ao banquete esse tom mais solemne, em muitas aldeias apparece o chá como um mimo para as pessoas mais gradas.

Feliz a vida dos campos.

Mas não ha quadro que não tenha sombras.

Quantas amarguras não sentem os pobres quando um anno fatal lhes não dá recursos para a sua vida!

E mais triste ainda quando os ricos não se lembrando da fome, prestam o seu dinheiro com a usura, que conduz á ruina e miseria os pobres trabalhadores.

E' desconsolador que nem todos comprehendam a sua missão na terra, e não meditem quão breve é a existencia.

A vida nada vale, é uma sombra passageira.

A bondade e limpidez da alma é o unico thesouro digno de apreço.

Formar de toda a humanidade uma familia ligada pela fraternidade e o amor eis o que está escripto nos corações que apenas aspiram ao bem. E todas essas doutrinas estão divinamente escriptas n'esse codigo de eterna justiça, que se chama a Biblia.

Amae-vos uns a outros como a vós mesmos, disse o Divino Mestre, palavras de regeneração e conforto, que todos devem ter presentes para norma de uma existencia limpida.

Ainda assim, apesar de todos os desconfortos, bem haja a vida da aldeia modesta, sem as loucas e perdidas ambições, que a alma arrasta a todos os crimes. Bem haja!

Serena paz, amor fraternal e amigo inspirado n'esse grande livro que se chama a Natureza, com todos os seus encantos e sob um céu de precioso azul em dias de plena primavera ou n'essas noites banhadas de formosissimo mar.

Aldeia singella, sonho dos meus sonhos, enlevo dos meus enlevos, a ti o meu coração, os meus sentimentos, os affectos queridos da minha alma.

COSTA GOODOLPHIM.



### *Baptisado na aldeia*

*Tocam os sinos alegres,  
os sinos da frequencia,  
nuncio de festa singella,  
mas da mais grata harmonia.*

*E nas casitas da aldeia  
todos assomam ás portas;  
outros deixam seu trabalho  
e vem correndo das hortas.*

*Os rapasitos descalços  
vem completar este quadro,  
correndo como avesitas  
lá para junto do adro.*

*Será algum casamento  
d'uma cachopa trigueira,  
d'olhos negros como a noite  
d'uma fula feiticeira?*

*Não é festa de noivado,*

*um casamento não é ;  
um coração que recebe  
as santas aguas da Fé.*

*E o povo que é todo crente,  
que adora Christo na Cruz,  
protecção, auxilio pede  
á Santa Mãe de Jesus.*

*O bom vigario da aldeia  
que todos bem aconselha,  
lá surge com sua estola,  
e o povo todo ajoelha,*

*Vão-se chegando os padrinhos,  
completa-se o quadro emfim ;  
accendem-se os bentos cirios,  
o padre resa em latim*

*Depois de varias cerimoniaes  
eis terminado o baptismo ;  
mais um ser purificado  
no gremio do Christianismo.*

*Então em todos os rostos  
ha a serena alegria,  
como se fôra uma aurora  
da mais grata melodia*

*E o povo sae da egreja  
por entre festas e risos,  
como o sol que doira os campos  
d'uns sonhados paraizos.*

*Atravessa os arvoredos,  
de flôres os campos cheios ;  
ouvindo de quando em quando  
das aves ternos gorgeios.*

*Chegam á casa modesta,  
uma casita da aldeia,  
que na sua singelleza  
as nossas almas recreia.*

*Não téem grande frontaria,  
não ha janellas rasgadas,  
nem portico deslumbrante,  
nem espaçosas escadas.*

*Mas é lar abençoado  
d'uma alegria sem par ;  
na tosca banca de pinho  
vê-se o Christo em seu altar.*

*Não tem ornatos de prata,  
Nem alfayas, nem valores ;*

*porém em jarras modestas  
ha muitos ramos de flôres.*

*Do tecto pendem as uvas  
em bellos cachos formosos  
o resultado colhido  
dos dias laboriosos*

*No centro da casa, a meza  
com a toalha mais fina,  
tem os dôces, mais os vinhos  
para esta festa divina.*

*Assentam-se os convidados  
começa o banquete emfim ;  
e fazem mil saudes  
ao neophito cherubim*

*E' uma alegria nova  
que na casa resplandece ;  
um novo sol que illumina,  
um sol que a todos aquece.*

*Não ha apenas a fôrma  
de se cumprir um preceito,  
ha uma crença sincera  
que vem do intimo peito.*

*Bem haja o povo singello  
que tem crenças e tem fé ;  
sem ellas no mar da vida,  
como se vive, quem é ?*

*Descubram sabios, embora  
o problema mais vario  
que sempre será eterna  
a grande luz do Calvario.*

COSTA GOODOLPHIM.

## Notas Scientificas

**Morte de S. Thomaz de Aquino.** — Aprender até morrer.

Mais uma novidade para muitos.

Que morte levou ao tumulo o Doutor angelico ? Natural ou violenta ?!...

Eis um ponto em que os seus biographos não insistem muito.

S. Thomaz, vulto admiravel de virtude e sabedoria, cuja fama echoava nas mais distinctas universidades do seu tempo e que apoz si arrastava os genios mais sabios e eloquentes, desappareceu do mundo quasi repentinamente.

Um dos pontos que mais costuma frizar-se na vida de qualquer heroe, é o genero de morte de que foi victima, e é sem duvida o que mais ha a desejar nas biographias d'este Santo. Heroe não deixaria de o ser.

Visto não estar plenamente resolvida a questão e serem contrarias as opiniões, não damos, como solução o nosso parecer, contentando-nos tão sómente com citar alguns historiadores fidedignos e que talvez victimas da lisonja e do respeito humano não manifestaram as circumstancias da sua morte.

«Carlos I, rei da Sicilia, era contemporaneo do Santo.

Por alguns dados historicos podemos concluir que reinava pouca ou nenhuma sympathia entre as duas familias dos Aquinos e dos Anjou, cujo membro era Carlos I.

Coincidiu n'esse mesmo tempo a realisação do concilio de Lyon, de que S. Thomaz faria parte por ordem de Gregorio X.

Temendo Carlos I a sua influencia no concilio pela grande sciencia e virtude de que dispunha e receiando a sua elevação ao Cardinalato, mandou-o envenenar pelo medico, quando o Santo se preparava para partir.

E' esta a opinião de Juan Villani, (apezar de muito afeiçoado ao Rei), adoptando o parecer de Dante, que na «Divina Comedia» (Purg. xx) confirma o sobredito. Dizem tambem alguns, entre os quaes D. Pedro Moiraghi que se Carlos I não decretou abertamente a morte de S. Thomaz pelo menos a desejou em extremo e se alegrou quando realizada.

Mas deve conceder-se o envenenamento, feito pelo dito medico em attenção ao Rei, cuja antypathia contra os condes de Aquino lhe era manifesta.

São d'esta opinião D. Manoel Aranda, o P. Miguel Pio na sua obra «Delle vite degli uomini illustri di S. Domenico», o P. J. Carle, nas suas obras em que cita os codices da Bibliotheca do Monte Casino, o snr. Pidal y Mon., etc. . .

Mas geralmente não ha these sem adversarios.

O Dr. Prodolfo Majochi, professor de Historia Ecclesiastica no Seminario de Pavia sustenta a opinião contraria.

Em um opusculo «S. Tommaso d'Aquino, mori di veneno?» chega as seguintes conclusões:

1.ª O testemunho de Dante não é mais que uma voz popular infundada, suggerida pelo espirito de seita.

2.ª O testemunho de Vellani não póde aceitar-se, pois procede de um escriptor pessimamente informado.

3.ª Não se deve fazer caso das asserções dos commentaristas de Dante, porque umas são abertamente erroneas e outras fundam-se apenas na auctoridade.

4.ª A capacidade para delinquir em Carlos de Anjou e os motivos impellentes ao delicto não são prova sufficiente.

5.ª O silencio dos amigos de S. Thomaz e dos inimigos de Carlos exclue a possibilidade de envenenamento.

6.ª As boas relações entre as duas familias, a amizade de Carlos e S. Thomaz, e o testemunho dos contemporaneos fazem improvavel o delicto.

Do sobredito se colhe a difficuldade em responder á pergunta. Seria para desejar que os criticos se empenhassem em resolver questão tão curiosa como ardua e tão interessante como até aqui descuidada.

**Uma nova divindade Antiga.** — M. Heron de Vilbafosse noticiou na Academia das Inscriptões uma descoberta epigraphica feita ha pouco em Saint-Marcel-lès-chalon (Saône-et-Loire), que lhe foi communicada por M. Lex, archivista d'essa localidade.

Um proprietario de Saint-Marcel encontrou a 60 centimetros em um campo onde estava cavando, um pequeno pedestal de bronze em forma octogonal, com duas faces parallelas mais largas que as outras, em uma das quaes se lia:

AUG. SACR. DEAE TEM VSIONI  
IANVAR IS VERI FIL EX  
VOTO V. S. L. M.

E que se decifra assim.

Augusto sacrum deae Temusioni Januarius Veri filius ex voto: votum solvit libens merito.

Esta inscripção revela o nome d'esta divindade topica desconhecida até hoje.

E' necessario procurar a estatuasinha, que encimava o pedestal e representava provavelmente a deusa Temusio, cujo typo e attributos devem ser interessantes.

**Testamento de André.** — Antes da sua partida, o aeronauta André tinha feito o seu testamento com expressa prohibição de o abrir antes de 1 de janeiro de 1901. E foi aberto em 6 de janeiro a pedido da sua irmã, quando seu irmão mais novo ainda queria esperar.

Quando se rasgou o *enveloppe* cahiram muitos pacotes acondicionados em panno encerrado com a inscripção: «Não lêr; queimar». Havia tambem muitas cartas de animação de sabios. Uma só d'ellas tratava de o dissuadir da sua temeraria empreza. Era assignada por um Francez: «Fonvielle», collaborador do *Cosmos*. Esta carta tem a seguinte annotação do punho de André: «E' possivel que elle tenha razão, mas é já demasiado tarde. Todas as minhas disposições estão tomadas e não posso mudar agora».

O testamento é redigido em termos concisos, e desde a primeira linha vê-se que André não se illudia sobre a sorte que o esperava.

Começa assim: «O testamento que hoje escrevo é provavelmente o meu ultimo escripto, e por conseguinte valido. Escrevo na noute que precede ao dia da minha partida para uma viagem que será cercada de perigos que a sciencia actual não permite medir. Tenho o sentimento de que esta terrivel viagem significa para mim a entrada na morte».

Segue depois disposições testamentarias sobre a sua fortuna liquida que deixa ao seu irmão e irmã, e, mais, áquelle a sua bibliotheca, rica de obras scientificas do mais alto valor, com a condição de fazer d'ella mais tarde uma bibliotheca popular.

## BIBLIOGRAPHIA

Jesus ao Coração do joven. — Acaba de ser posta á venda pela livraria Mesquita Pimen-

tel, estabelecida no Porto, a nova edição do excellent livrinho *Jesus ao Coração do joven*.

A venda d'esta bem coerdnada obrinha já ascende a 30:000 exemplares!... Dizendo-se isto, tem-se dito tudo quanto se poderia dizer para encarecer tão excellent devocionario.

O seu preço é extremamente modico, pois custa, com encadernação simples, apenas 200 rs.; em percalina inteira, 250; com dourados, 400 e 500; com encadernação de marroquim, 1\$000, 1\$200 e 1\$500.

*As pessoas que desejarem porção d'exemplares para propaganda serv-lhes-ha feito um desconto proporcional, e igualmente aos snrs. directores de collegios se se dirigirem ao editor e proprietario do livro — J. J. de Mesquita Pimentel, rua de D. Pedro — Porto.*

Esta empreza catholica do Snr. Mesquita Pimentel tem sido prodiga na publicação de bons livros. Eis a indicação de alguns, que muito se recommendam = Explicação completa de toda a doutrina christã por perguntas e respostas, ou historia abreviada da religião desde o principio do mundo até aos nossos dias, pelo Padre Gaume, traducção do Padre Marnoco, contendo maximas de S. Francisco de Sales — Pensamentos consoladores de S. Francisco de Sales — Evangelhos dos domingos e das festas de todo o anno, pelo Padre Schoupe, da Companhia de Jesus, 2 vol. — Livro d'ouro do sacerdote ou novo vademecum para uso do clero de Portugal e Brazil — Formulario Ecclesiastico — Ementario (Diccionario) Luso-Brazileiro de nomes proprios e patronymicos, contendo cerca de 25:000 nomes — Motivos da minha fé religiosa, pelo conego Barthe — A Porta do Céu, ou o thesouro inesgotavel de consolações da alma, por Henrique de Carvalho — Guia ceremonial para uso do clero de Portugal e Brazil; nova edição reformada pelo Rev.º Miranda, calendarista do bispado — Officios fnebres, pequenino livro para bolso, edição coordenada pelo mesmo calendarista — Santo Antonio e os peixes, notavel sermão do Padre Antonio Vieira — Uma cruzada para a libertação do Papa — A situação do Papa, etc., etc.

**Theologia Dogmatica Fundamental e especial de Tanqueray.** — O Snr Dr. Miguel F. d'Almeida vae enriquecer o mercado litterario e scientifico portuguez com mais uma obra que no estrangeiro, especialmente na America sortiu muito feliz exito. Vae traduzir-nos a Theologia Dogmatica do Tanqueray. Felicítamol-o pela idéa e esperamos ansiosamente a sua realisação.

Nunca téem de nos esquecer os momentos felizes em que folheavamos o claro e conciso Tanqueray para nos desembaraçarmos da poeirada de erudição cerrada em que abunda infelizmente a maior parte dos compendios modernos.

Tanqueray não é original, nem (quasi diriamos) profundo, mas o seu proposito não foi theorisar: nem com a Theologia se compadem originalidades da moda. Quiz dar-nos um cathecismo de Theologia no qual os estudantes encontrassem materiaes bem escolhidos para a defeza da verdade.

Para isso entendeu que era necessario compulsar os escolasticos, sem desdenhar dos progressos da moderna sciencia. Mas... não apressemos

este nosso juizo critico, porque temos de voltar ao assumpto com mais pausa e vagar.

A obra será distribuida em fasciculos de cinco folhas magnificamente impressas em optimo papel, de formato 8.º grande.

Cada fasciculo custará apenas 160 réis, que serão pagos no acto da entrega. Os assignantes da provincia receberão os fasciculos pelo correio sem augmento de preço, e pagarão de cinco em cinco fasciculos, para o que lhes serão enviados pelas respectivas estações postaes os competentes recibos.

A distribuição, que será feita com toda a regularidade, principiará, logo que tenha terminado a do *Cathecismo para os Parochos*.

Tem direito a um exemplar quem angariar dez assignaturas e se responsabilisar pelo seu pagamento.

Acceptem se correspondentes em todas as terras onde os não ha, dando referencias n'esta cidade.

Assigna-se a obra em todas as livrarias do reino.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da *Revista Catholica*, Alfredo Paes Pereira dos Santos — Vizeu.

**P. Ladislau de Vannes, O. M. C.** — *Vida da Bemaventurada Soror Maria Magdalena Martinenho, Condessa de Barco, Clarissa capuchinha de Brescia.* — Esta humilde religiosa, beatificada no dia 3 de junho de 1900, não era conhecida em França. E' pcr isso que a sua vida narrada escurpulosamente pelo auctor n'um grosso volume de 339 paginas, veiu encher uma lacuna, e acrescentar mais uma folha aos annaes da santidade.

Não se póde lêr este livro sem que se respire para logo esse delicioso perfume de simplicidade e de innocencia que tanto realça nas vidas dos santos franciscanos.

Como ahi se nos depara fortemente o contraste da vida effeminada de nossos tempos com a vida austera e illibada da Santa! O seu corpo delicado e fraco, é o instrumento de que Deus se serve para manifestar os prodigios da graça.

O auctor procedeu avisadamente, quando nos poz em relevo este portento de penitencia para o contrapôr aos devaneios dos que só querem santos à moda.

Leiam as almas piedosas este livrinho e n'elle encontrarão preciosos documentos com que se poderão haver no caminho da perfeição.

Pedidos à *Oeuvre de Saint François*, 5. Rue de La Santé, Paris.

**Diccionario apologetico da fé catholica.** — Recebemos o fasciculo n.º 1 d'esta importantissima obra, em que se contém as principaes provas da verdade da religião e as respostas ás objecções tiradas das sciencias humanas por J. B. Jaugey, presbytero e doutor em theologia, com a collaboraço de grande numero de sabios catholicos, traduzida da 3.ª edição franceza, por José Lopes Leite de Faria, presbytero e professor do Seminario Lyceu de Guimarães.»

E' publicada esta obra com auctorisação do Exc.º e Rev.º Snr. D. Antonio Barrozo, bispo do Porto, e dedicada ao clero portuguez.

E valiosa é a dadiwa que o nosso amigo snr.

Antonio Dourado faz ao clero, porque, como diz o Rev.<sup>mo</sup> traductor, no prologo, talvez em nenhuma epocha da Igreja Catholica fôsse tão urgente, como nos nossos dias, a necessidade da sciencia apologetica.

Trata o presente fasciculo, dos seguintes artigos: *Abrahão, Actos dos Apostolos* por J. T. Lainy; *Actos dos Apostolos* por J. Corluy; *Aggeu* por T. J. Lainy; *Agni* por C. de Arlez. Isto além de um lucido prefacio que se compõe de XIX paginas.

Assigna-se em casa do editor, Antonio Dourado, Passeio da Graça n.º 41, 1.º andar.—Porto.

**A Bulla da Santa Cruzada.**— Só hoje nos foi possível annunciar aos nossos leitores o magnifico livrinho do Snr. *Conego Alves Mattoso* sobre a *Bulla da Santa Cruzada*.

O auctor versa com mão de mestre todas as questões relativas á Bulla, ao Indulto gratuito da abstinencia para os sabbados e ao Indulto Quaresmal.

Expõe com a clareza e brevidade que se requerem em assumptos d'esta ordem, a origem, a definição, as condições, a esmola e a duração da Bulla da Santa Cruzada.

Indica as indulgencias annexas á Bulla e as condições para se poderem lucrar. Ennumera os privilegios e graças que a Bulla concede relativamente ás almas do Purgatorio, á restituição, aos Oratorios privados, ao sacramento da penitencia, aos votos, á alimentação, ás irregularidades e ao matrimonio. Por ultimo expõe a doutrina a seguir sobre o indulto gratuito da abstinencia de carnes ao sabbado e sobre o indulto quaresmal.

Precioso livrinho que todos os ecclesiasticos deveriam manusear.

Preço 240 réis Pedidos a José Antunes dos Santos, no Seminario de Coimbra, ou ás principaes livrarias da mesma cidade.

## REVISTAS IMPORTANTES

Recebemos e agradecemos a visita das seguintes importantes publicações cujo summario damos em seguida:

<b>Civiltá Cattolica</b> (2 de Fevereiro).	
I. <i>Il Papa e il nuovo secolo</i> .....	257
II. <i>Di uno scisma in Italia</i> .....	263
III. <i>Ratificazione ufficiale del Concordato</i> (8 sett. 1801).....	277
IV. <i>Charitas. Racconto contemporaneo</i> . — xxxvi. <i>Contro uno scoglio</i> — xxxvii. <i>Sull'orlo della tomba</i> — xxxviii. <i>A volo d'uccello</i> .....	294
V. <i>L'Evoluzionismo ateo etc. Bestie intelligenti</i> .....	313
VI. <i>Studii biblici</i> — Il testo sacro.....	322
VII. <i>Le Ville Tuscollane nell'epoca classica e dopo il rinascimento</i> .....	332
VIII. <i>Nuove misure terrestri ed astronomiche</i> .....	335
IX. <i>Bibliographia</i> .....	338
X. <i>Victoria Regina d'Inghilterra</i> .....	353
XI. <i>Cose romane</i> .....	357
XII. <i>Cose Italiane</i> .....	362
XIII. <i>Avvertenza</i> .....	368

XIV. <i>Notizie generali di Cose straniere</i> .....	ivi
XV. <i>Grecia. Nostra Corrispondenza</i> .....	372
XVI. <i>Cine. Nostra Corrispondenza</i> .....	377
XVII. <i>Cose varie</i> .....	382

### Études Franciscaines (março)

I. <i>Les Petits-Fils du Grande Roi P. Edouari</i> .....	225
II. <i>Une nouvelle de couverture de la critique moderne</i> . P. Hilarin.....	240
III. <i>La Réforme de l'Enseignement Secondaire</i> . P. Magdel.....	256
IV. <i>De la Communication des Privilegès</i> P. Flavien.....	281
V. <i>Le Tiers Ordre et les Œuvres</i> P. Timothée.....	294
VI. <i>Le travail chrétien et la Règle de Saint-François</i> . P. Mighel-Ange.....	305
VII. <i>Mission des Frères Mineurs, Capucins em Mésopotamie</i> . P. Gianantonio.....	313
VIII. <i>La morale de Molière</i> . P. Camille..	322
IX. <i>Revue des Revues</i> . P. Hilaire.....	335
X. <i>Bibliographie</i> .....	339

### Revue des Questions sociâles et ouvrières (março)

181 J. De Pascal — <i>La question sociale d'après unvre récent</i> (suite).
190. C. des Prez de la Ville-Tual-La solidaritè humaine.
208 Paul Lapeyre — <i>Le développement du catholicisme social depuis l'Encyclique Rerum novarum</i> .
216. Henri Savatier. <i>Le projet de loi Mille- rand sur l'arbitrage et la greve obligatoires</i> .
Chronique
246. Henri Savatier — <i>La prochaine reunion des revues sociales catholiques</i> .
249 — G. de Pascal— <i>Chronique de l'E'tranger—Italie</i> .
252 — G. Laurens — <i>Le mouvement syndica et ouvrier</i> .
254 — A Daal— <i>Le mouvement des «Jeunes»</i> .
DOCUMENTS ET FAITS SOCIAUX 261 H. S.—A propos de nouvelles brochures sociales: I — Pages de Georges Goyau sur le catholicisme social —II— <i>Le Régime corporatif</i> . Définitions por le R. P. G de Pascal — <i>Circulaire ministérielle concern aut l'organisation des Conseils du Travail</i> .
268 — V. de Clercq — <i>CRONIQUE BIBLIOGRAPHIQUE</i> . I <i>Bibliographie</i> II — <i>Revue</i> .
Supplements de la Revue «Le pain»— <i>Revue des questions sociates feminines</i> .
161 — Henriette Brinhes— <i>L'oeuvre de Miss Octavia Hill a Londres</i> (viste).
170 — Docteur Pecker — <i>L'assisteme mater- nelle á domicile</i> (viste).
173 — Paule Vinheron — <i>Cronique: L'action sociale de la femme</i> . Lectures populaires illustrées d'études sociales pag. 33 à 48.

### Portugal em Africa, illustrado, (janeiro de 1901).

I — <i>A alliança e a politica de Portugal</i> 5 (por Querino Avelino de Jesus).	
II — <i>A edade da pedra no Congo</i> , por Xavier Stainier, P. C.....	11
III — <i>Chronica das missões</i> .....	14 etc.
IV — <i>Revista do estrangeiro</i> .....	41

V — Revista luso-africana.....	50 etc.
VI — Bibliographia africana.....	73
VII — Secção de administração geral na Africa portugueza.....	77
VIII — Annexo de I a X e 49 a 56	

**Le mois littéraire et Pittoresque** (mars).—  
La Fille du chevrier, par *Alexandre Coutet*, avec 4 illustrations de *Simont*.

Un Prère de La Patrie : *Sidoine Apollinaire*, par *Alfred Poizat*, avec 4 illustrations de *Pichot*.

Aux Paladins, sonnet, par *Heuzé*, avec 1 composition de l'auteur.

Le Dolmen, poésie par *Verginaud*, avec 2 compositions de *Popineau*.

Le Grand Prix de Rome à l'Ecole des Beaux-Arts, par *L. E. Fornier*, avec 15 reproductions.

Dans la Tourmente, *récit d'une aïeule*, roman (suite) par *Ernest Daudet*, avec 5 illustrations de *Lecoultre*.

Menton, par *Paul Gaucher*, avec 12 photographies.

Des Siéges et des façons de s'asseoir, *étude humoristique* par *G. d'Azambuja*, avec 21 croquis de *Lemot*.

Les Premières Navigations à la côte d'Afrique, par *E. Guéin*, avec 3 reproductions.

Causerie littéraire : *La table d'un lecteur*, par *Gabriel Aubray*.

Pages oubliées : *Rivalité entre la France et l'Allemagne*, par le duo de *Broglie* avec 1 portrait; *Résignon-nous* par *H. de Bornier*, avec 1 portrait; *L'apostolat domestique*, par *Louis Veillot*.

L'Actualité scientifique : *Vers les planètes* par *W. de Fovivelle*, avec 4 dessins.

Berceuse, Musique de *M. Ramat*. Chronique du Mois 9 caricatures par *Henriot*.

L'Esprit à l'Etranger, 3 caricatures.

Choses pratiques.  
2.º Concours de Travaux Manuels, resultats.

Concours de Jeux d'esprit (resultats et nouveaux problèmes), par *Félix Jean*.

Courrier de la Mode, Carnet bibliographique, correspondance, Petites annonces, etc.



## As nossas illustrações

I — A EUCHARISTIA. — O Todo Poderoso manifesta-se admiravel para com o homem desde o principio da creação. Faz surgir do nada innumeradas creaturas destinadas a servirem o homem e a fazel-o feliz, quanto o pudesse ser durante a sua peregrinação na terra.

Mas o homem é ingrato, revolta-se contra o seu auctor, sacode o jugo suave da lei do Senhor, corre apoz a belleza ephemera das creaturas, colloca n'ellas o seu ultimo fim e volta as costas a Deus! Chama-o varias vezes, porém elle, atolado no

lodaçal dos vicios já o não reconhece, adora suas proprias paixões, compraze-se nas obras de suas mãos e vive como o mais vil irracional a quem muitas vezes immola seus proprios filhos! Desce do céu o Filho de Deus, passa uma vida amargurada, de tribulações e sacrificios para libertar o homem. São poucos os que os seguem; não importa; arrastarão os outros e o genero humano dentro em pouco sairá do captivoiro.

A sua missão está terminada só lhe resta morrer para se ausentar para o seio do Pae d'onde descera. Está na vespera da sua paixão, rodeam-no poucos pescadores, que serão os seus logar-tenentes, Jesus vae-lhes dar a ultima prova do seu amor! Tem que se separar dos homens, mas o affecto que lhes tem, não lhe permite que os desampare; é necessario inventar um meio de se ausentar e ficar com elles. Que não poderá a Omnipotencia e o amor de um Deus?! *Non relinquam vos orphanos*, mas permanecerei comvosco até ao fim dos seculos! e Jesus *transubstancia* o pão e o vinho no seu Corpo e Sangue. Deixa o pão de ser pão e passa a ser Corpo de Christo e já não é vinho o que está no Calix, mas sim Sangue de Jesus! Este milagre operado a primeira vez no cenaculo repete-se todos os dias milhares de vezes sobre os nossos altares.

O amor de Jesus está satisfeito, já pode snbir ao Céu sem desamparar os filhos que deixa na terra entregues ás perseguições dos seus inimigos; ali está Elle para os defender, para lhes assegurar a victoria, *non relinquam vos orphanos*, mas estará comnosco até á consumação dos seculos sem jámais soltar um gemido ou uma queixa apesar das injurias com que todos os dias o maltratam!

Que podia eu fazer por vós que não fizesse, nos poderá elle perguntar com mais razão que ao povo deicida, deixei-me crucificar n'uma Cruz, dei-vos o meu Corpo e o meu Sangue e vós sempre ingratos não cessaes de me ultrajar? Mas não; o amor de Jesus soffre tudo em silencio, sem que se lhe ouça uma palavra de exprobração!

Virá porém um dia terrivel em que Jesus agora todo amor e misericordia na Eucharistia, apparecerá severo e terrivel aos seus inimigos e então ai! dos impios!...

\*  
\* \*

II — S. JOSÉ. — O trabalho é a sorte da humanidade. Desde a aurora até ao ocaso da vida o homem sustenta uma lucta continua contra a doença, a fome, a força, as paixões e todos os infortunios; é o trabalho, que lhe foi imposto pelo peccado. Apenas expulso do paraizo sente a necessidade de trabalhar. Cansa-se, fatiga-se operando a terra e debaixo de suas mãos calçadas só vê brotar espinhos e abrólhos. Descansa e a fome assalta-o, esmorece e a doença vem prostral-o, as paixões agitam-se e a desgraça visita-o. Volta á sua tarefa, impõem-se o trabalho, desaparece a enfermidade, subleva-se a miseria e amainam-se as paixões. O trabalho imposto como pena e castigo, a toda a humanidade, e que para o homem sem crenças e imbuido nos dogmas socialistas, communistas ou anarchicos é um tributo insupportavel, julga-o o catholico porém uma honra, e um titulo de nobreza. Admira Maria occupada nos mistéres mais baixos d'uma mãe de familia e gloria-se de a imitar. Vê Jesus exercendo um humilde officio e corre ao trabalho com alegria!

José é o exemplar do operario christão. A sua vida resume-a o Evangelho em duas palavras, que contém em si toda a summa da perfeição christã: «*era um varão justo*». A justiça é a fonte d'onde dimanam todas as virtudes, o justo possue-as todas, aliás já não é justo. Eis o que era S. José, um varão justo.

Ha porém uma virtude que a tradição nos apresenta como característica de S. José; é a *fidelidade e assiduidade no trabalho*. José cansa-se e sua mas não desanima, trabalha sempre. E' descendente dos reis de Judá? não importa, o trabalho é a sua herança. E' o protector de Maria, o aio de Jesus? não se ensoberbece trabalha mais e mais se humilha. Não disputa primazias, não ambiciona honras, não inveja os ricos, mas adora as sabias disposições da Providencia, que distribue as riquezas, honras e dignidades como lhe apraz. Respeita a propriedade alheia e vive contente com os minguados recursos que o seu trabalho lhe subministra. Eis o que era S. José, o modelo do operario catholico!

E' na *fidelidade e assiduidade no trabalho*, que o operario o deve imitar; e então ainda que pobre, reinará a paz na sua familia, o operario terá a consideração de to-

dos os homens de bem, e não se verá a desordem a insubordinação e a gréve minarem o nosso querido Portugal. A'vante operario catholico, fidelidade no trabalho e S. José fará coroar vossos esforços.

\*  
\* \* \*

III — CHRISTO E A MAGDALENA — Um dia em que Jesus se hospedava em casa de um phariseu, chamado Simão, veiu lançar-se-lhe aos pés uma peccadora a implorar perdão dos seus peccados. Jesus que jámais despresou o peccador arrependido lhe respondeu com aquella tão consoladora palavra: «*muitos peccados te são perdoados*». Esta mulher era Maria Magdalena.

Desde esse dia renunciou a todos os desvarios e o seu coração foi abrazado de um intenso amor de Deus.

Seguia Jesus para toda a parte e era uma das que o serviam durante a sua divina missão.

Quando mais tarde Jesus sobe ao Calvário a completar sua carreira, quando os Apostolos o desamparam, quando se vê abandonado de seu eterno Pae, Maria Magdalena não teme a população irritada, não a atemorisa o poder dos sacerdotes e magistrados, não a intimidam os soldados, despreza tudo, e acompanha Jesus até ao supplicio e aí permanece até elle soltar o ultimo suspiro! Assiste ao descendimento da Cruz, ajuda-o a amortalhar e depois retira-se silenciosa, immersa em profunda tristeza a chorar a sós o seu bem amado.

O amor não lhe permite descansar um momento; apenas começa a raiar a aurora já ella se dirige ao sepulchro com unguentos preciosos para ungir o corpo de Jesus como era costume entre os judeus.

A pedra que tapava a porta do sepulchro estava removida e dentro apenas se via a mortalha que envolvera o corpo de Jesus. Correu a annunciar aos Apostolos que o tinham roubado, porém a força do amor impellia-a para o logar do sepulchro, pelo que voltou logo, esperançada em que o encontraria. Procura-o entre os arbustos do jardim, mas nada consegue. Entregue a uma profunda dôr senta-se junto ao sepulchro chorando, como a representa a nossa gravura. Foi então que Jesus lhe perguntou porque chorava? Se tu foste quem o



tirou dize-me onde o puzeste e eu o irei buscar; respondeu ella julgando que era o jardineiro. Jesus manifestou-se-lhe então, sendo a primeira, depois da SS. Virgem, que mereceu este assignalado favor. O seu amor nunca desmentido era digno d'esta graça.

\* \* \*

IV -- CRUZ NO ALTO DO MONTE DA BOA-VISTA (MONTARIOI).

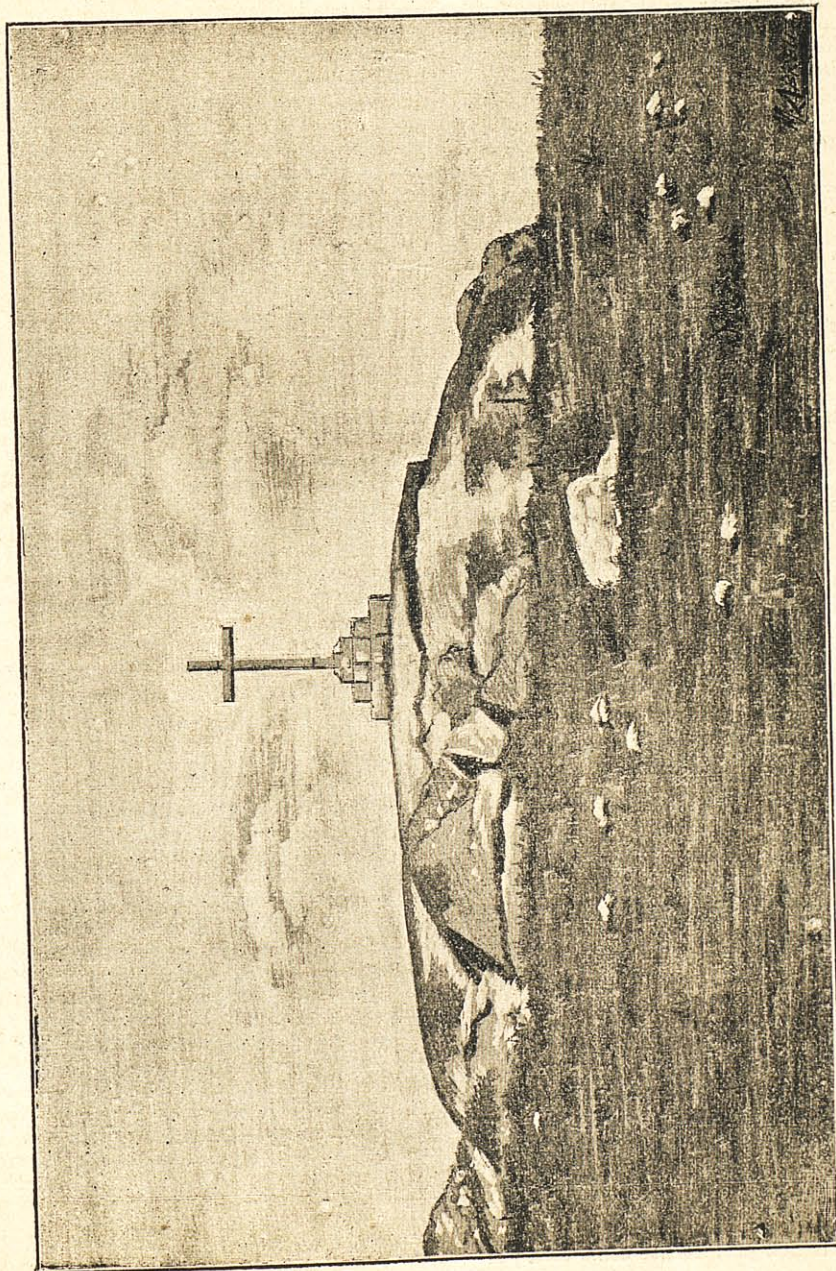
## Chronica universal

PORTUGAL

Gôa, 13-2-901.

*Meus amigos*

Deixei-os se bem me lembra na minha ultima carta em Samvordem, e bem quizera passar por Hespanha, o Canal, Ceylão, Bombaim até Gôa, que



CRUZ NO ALTO DO MONTE DA BOA-VISTA (MONTARIOI)

tem tanto de pittoresco, sobretudo quando se entra pela fronteira portugueza, desde Castle Roch até Samvordem.

Mas fica isto para outra vez, que assumpto mais palpitante convida a minha mais seria attenção.

Não esperem que eu trate de coisas politicas ou me entregue ao deleite de fazer um boletim de viagem recheado de observações e de descrições poeticas. A tanto não chega a minha pretensão, e vou já para velho para me entregar a litteratices.

Como lhes disse, vim encontrar a nossa India um tanto inglezada e Gôa tornando-se uma cidade cosmopolita do caracter da de Bombaim.

Ha por aqui uma grande invasão de moiros e gentios de toda a especie que já assambarcam a maior parte do commercio.

O dominio portuguez é apenas uma sombra com grande verniz de secretarias atapetadas á metropole, muito funcionario e muito gentio por toda a parte. A civilisação material entra em cheio, e o governo da metropole só pensa em *funcionisar* isto, como diria o nosso Mousinho de Albuquerque.

Em 6 do corrente, anniversario da sagração da Sé, o Patriarcha das Indias abriu a sua visita pastoral pela vetusta cidade de Velha Gôa e S. Pedro. Assisti a essa cerimonia com minha familia, e mais uma vez fui matar saudades d'essa Velha, capital do nosso antigo emporio do Oriente.

Não podem ali fazer idéa o que a gente sente ao ouvir aquelle sublime e melodioso sino da Sé a *mandar os seus echos á floresta!* Todo um passado glorioso parece gemer sobre um presente de ruinas e de miseria. Eu não sei bem se aquelle sino, cantado por Thomaz Ribeiro, gême, soluça, canta ou impreca. O poeta chamou o de ouro, eu chamal-o hei de lagrimas e de dôr, porque afinal torna-nos triste e ao mesmo tempo vaidoso. Sim, aquelle sino põe nos ares sons de guerra, glorias e mil batalhas, e reboando pelo valle até ás cumiadas das montanhas traz á idéa vozes do sepulchro perdidas, sem echo, em a nossa alma de hoje sem fé, nem ideaes!

O unico portuguez que comprehende as notas propheticas d'aquelle sino singular é o nosso Patriarcha, com quem conversei n'esse dia por largo tempo.

Trocamos as nossas impressões, e ambos chegamos aos mesmos resultados: *finis Goae!*

Em meio de tudo isto só vejo uma coisa: o caixão de S. Francisco na sacristia do Bom Jesus, para onde accorrem dia e noite, por terra e rio acima milhares de peregrinos. Houve um desastre quando se pretendia encerrar o caixão do Santo, apoz o Congresso eucharistico de Gôa. Partiu-se o envolvero de prata e o Apostolo das Indias não pôde ser collocado sobre o seu sumptuoso mausoléu.

O povo interpreta o facto dizendo, que S. Francisco não quiz ser encerrado tão cedo. Eu que não sou supersticioso, mas que não vejo indifferente certos accidentes da vida, agouro qualquer coisa de sinistro. Faço-me de povo e pergunto: será a peste bubonica que nos ameaça? cahirá em pedaços esta India, presa do paganismo ou do inglez protestante como essa pra-

ta do caixão, que rolou aos pedaços? Quem sabe! quem sabe!...

Vae esta já muito lnsa, e apenas esbocei o perigo que corre esta Gôa — herança d'aquelle grande Santo, e que elle tambem descreveu nas suas admiraveis cartas.

Está aqui aberto o conflicto religioso, fundo, serio, periclitante para o dominio portuguez. A ultima revolta dos Ranes, sob o ponto de vista religioso está para este fim do seculo, como o *Perismo* foi politicamente para a primeira metade d'elle. Só o Patriarcha mede o alcance dos factos, e esforça-se por manter o seu tão pesado legado; mas cá na metropole teimam em fazer eleições e socialismo avariado.

Cá me fico por hoje porque as massadas estão prohibidas e demais eu tratei de politica, sem o querer, como relapso patrioteiro que sou.

Para a outra vez terei mais juizo e fallarei, para não perder o vicio, apenas em politica religiosa. E adeus até outra, meus amigos, se a bubonica me não mandar para o outro mundo ou os ranes me não pregarem em alguma arvore de *pimpol*, (a) pela qual aliás alguns governadores *catholicos* têm mostrado ultimamente grande predeleção. Se até o ex-governador Machado recebeu o *Suamy* (b) com honras officiaes!

Isto vae n'um sino, creiam.

F. AYALLA.

*O porque de muitas cousas.* — A *Croix* catholico de Paris, dedica um consciencioso artigo ao estudo da situação da Hespanha relativamente aos recentes factos ali succedidos.

A alliança da Inglaterra com a Allemanha, que tanta bulha fez em toda a imprensa explica-se facilmente pela afinidade de espirito e seita que une as duas nações e mais em particular os corripheus do racionalismo que presidem aos destinos dos dois povos.

E' de todos sabido que os paizes europeus slavos e latinos estão unidos por uma religião cujo fundo é o mesmo, havendo todavia divergencia no dogma e falta de unidade na jurisdicção.

Seria logo para temer uma alliança particular entre as nações, que ainda conservam a fé illibada do Catholicismo: um veto terrivel ao progresso britannico, que promettia abafar a energia do mundo inteiro.

*E' preciso para que assim não succeda abulir o Catholicismo!*

Examinados os factos bem patentes, que tendem a revolucionar a Europa, senão o mundo todo, facilmente se descobrem os estratagemas tão enigmaticos de que se está lançando mão em Portugal com tanta dextreza, para demolir a Igreja Catholica.

Ainda bem que começam a derribar a arvore pelos ramos, se fôsse pela raiz então é que já não havia remedio. Mas socegum os sectarios, que não hão de cortar os ramos todos. Alguma coisa ha de ficar para a semente.

E não é só isto, ou melhor, não é isto o que

(a) Arvore sagrada dos gentios.

(b) Especie de bispo gentilico.

desejam os caridosos Ir... das lojas; arrasar os thronos, até apunhalar o ultimo rei, isso sim, que é o seu primeiro intento.

Mas como é evidente que se o rei e o throno estiverem em perigo, ficarão apenas ao seu lado os bons catholicos e os religiosos, sejam estes as primeiras victimas. E' o que se está vendo.

## ÁFRICA DO SUL

*A guerra.* — Mallograram-se por completo as negociações da paz entabuladas na Africa do Sul. Ha dias que se sabia que entre o general Botha e lord Kitchener se tratava de discutir condições da paz; mas até ao dia 20 ainda se ignorava de quem tinha partido a iniciativa d'essas negociações e qual o seu character.

Annunciara-se ao principio, com algum ruido, que Botha tinha offerecido render-se, sem que se indicasse se se tratava simplesmente da capitulação d'aquelle chefe e do seu exercito ou de uma rendição geral; parecia, porém, que a iniciativa procedera dos boers. Ora, as declarações feitas no dia 20 nas duas camaras inglezas, por Chamberlain e Salisbury, deduz-se que essa suposição era falsissima.

Segundo confessaram os dois politicos inglezes, a verdade é ter sido o governo inglez quem ordenou a lord Kitchener que propozesse a paz ao general Botha, paz que este e todo o seu estado maior repelliram.

Não se sabe ao certo qual fôsse a natureza d'essas negociações, nem é facil saber-o, emquanto não fôr publicada a correspondencia respectiva, que por enquanto permanece secreta. Mas ha já dois pontos averiguados: a proposta da paz feita pela Inglaterra e a recusa dos boers a acceptal-a, e d'esses factos deduz-se immediatamente que, apesar do insuccesso quasi completo da invação do Cabo, o governo britannico tem pouca confiança no seguimento ulterior das hostilidades, que vaé proseguindo com uma tenacidade bem mal recompensada. O governo inglez comprehende afinal que a tactica empregada pelos boers, e que consiste em caçar o inimigo sem nunca lhe dar batalha, pôde exgotar de todo as forças britannicas, como succedeu aos hespanhoes em Cuba e agora está succedendo aos americanos nas Philippinas, reflectiu que a opinião publica na Inglaterra está cansada de tantos sacrificios e aspira á paz.

E' possivel que tambem lhe occorresse que a guerra africana, immobilizando todas as forças da nação, a desarmava em todos os outros pontos do globo. Foi talvez devido a todas estas ponderações que o governo britannico tentou um supremo esforço, para chegar a um accordo amigavel.

Na ignorancia de quaes fôssem as propostas da Kitchener, é difficil, se não impossivel, calcular, se deve ser desde já posta de parte toda a possibilidade de ainda se chegar a um accordo.

E' a Inglaterra, nas suas propostas, persistir em se recusar a reconhecer a independencia das Republicas, e Botha, em seu nome, fez d'esse reconhecimento a condição *sine qua non* de todo o accordo, é certo que a nenhum accordo se chega-

rá, havendo só a esperar a continuação de uma guerra de exterminio.

A maior parte dos jornaes inglezes assim o pensam, e por isso sustentam que as hostilidades devem recommençar com mais energia e perseverança do que nunca. Ha, todavia uma esperança de vêr cessar a guerra: é se, pela publicação proxima dos documentos das negociações, se demonstrar que não foi a questão da independencia o motivo do rompimento.

O «Standard», por exemplo, suggere que a impossibilidade de se chegar a um accordo resultou talvez da Inglaterra se recusar a abranger no armisticio os colonos revoltados do Cabo, o que, a ser verdade, mostraria da parte do governo britannico uma intransigencia intempestiva, e falta de tino para aproveitar uma occasião favoravel de fazer a paz.

O «New-York Herald», repetindo uma *interview* effectuada entre um dos seus redactores e um filho do general boer Erasmus, afirma ter este dito que seria facil um accordo, tratando a Inglaterra directamente com o presidente Kruger, sobre a base de uma reparação dos prejuizos materiaes causados pela guerra aos habitantes das Republicas.

Seria talvez possivel, mas só depois da publicação dos documentos é que se poderá fazer um juizo definitivo sobre a situação actual.

## ITALIA

*Um novo Fra-Diavolo.* — Ha tempos a esta parte que não se passa um dia sem os jornaes italianos dedicarem alguma noticia ao tristemente celebre Mussolino, um audaz bandido, emulo de Fra-Diavolo, que traz aterrorizada a região da Calabria.

A campanha contra o terrivel facinora dura ha já muitos mezes, tendo chegado a assumir em Italia fóros de um importante acontecimento politico, pelo muito que se relaciona com as condições moraes, economicas e sociaes da população calabreza.

A iniciativa da perseguição deve-se ao actual monarcha, que lamentou um dia em conselho de ministros a impunidade de que gozava Mussolino e deu ordens immediatas para que fôsse enviado á Calabria um importante contingente de tropas, que auxiliasse a policia.

Cria-se que, obrigado pelos rigores do inverno, Mussolino deixaria as nevadas montanhas de Aspremonte, caindo nas mãos dos seus perseguidores, a não ser que preferisse morrer de fome e de frio.

Essa esperança era reforçada pela apresentação do bandido Stefano di Lorenzo, antigo companheiro de Mussolino, á auctoridade.

Todas as immediações de Aspremonte estavam vigiadas dia e noite por um cordão de tropas, em numero de 2:000 homens. Era, ao que parecia, uma verdadeira rede, em que Mussolino não podia deixar de cair. Não obstante Mussolino conseguiu safar se, sem deixar o menor vestigio da sua fuga.

Este lance de audacia e de habilidade desconcertou os perseguidores, que vieram a saber que a sua vigilancia tinha sido inutil por uma

communicação, dirigida ao proprio chefe das forças por Mussolino, que participava achar-se a muitas leguas de distancia e decidido a seguir para a America, logo que termine a terrivel missão que se impoz.

Mussolino é um bandido legendario, que rouba e mata para roubar. Segundo os jornaes italianos, é um homem de vinte e tres annos, de mediana estatura e aspecto sympathico. Usa o traje caracteristico dos aldeões calabrezes e anda armado com um par de revolvers e duas magnificas espingardas de fogo central.

Tem um unico objectivo: vingar-se dos juizes que intervieram no seu primeiro processo, que lhe foi instaurado ha tres annos, por tentativa de homicidio.

A sentença, considerada injusta e excessiva por Mussolino, condemnou-o a vinte annos de trabalhos forçados.

Mussolino evadiu-se, poucos dias depois de encarcerado. Voltou á Calabria, e deu principio á sua *vendetta* assassinando o juiz Camagua. Em seguida matou outro dos juizes e quinze das testemunhas, que depozeram no processo.

Actualmente restam só tres ou quatro victimas para completar a sua espantosa vingança.

Entre estes acha-se o *cavallieri* Francesco Fava, que foi presidente do municipio de San Stefano, e que contribuiu para a condemnação de Mussolino como testemunha de accusação.

Em 26 de fevereiro passado, uns pastores encontraram o salteador, disfarçado em frade, na estrada de Reggio Calabria, proximo de Santa Eufemia.

Segundo affirmou aos pastores, Mussolino ia no encaço de Francisco Fava, a quem esperava *fare il suo conto, con l'aiut o di Dio*.

E' esta a ultima noticia que ha do novo *Fra Diavolo*.



## VARIA

**Formigas engenheiras.** — Na «Revue Scientifique», de Paris, um observador assignala a exis-

tencia das formigas engenheiras, typo curioso d'essa notavel familia.

Eis o facto que lhe permittiu conhecer essa attitude pouco conhecida antes.

Um dia untou com um anel de visco o tronco d'uma amoreira, arvore que cria os bichos de seda, a fim de impedir que fôsse comidos pelas formigas, que são extremamente gulosas por elles.

Durante quatro dias, as formigas chegavam á linha de defeza e paravam sem poder ultrapassar a barreira.

Ao quinto dia surgiu, entre a multidão uma engenheira. A formiga que marchava á testa da columna levava um pequeno grão de areia entre as mandibulas. Chegada á valla do visco passou o pequeno grão que adheriu.

Immediatamente approximaram-se as restantes operarias a palpar, com as suas antenas, o grão de areia, e a contemplar essa primeira pedra d'uma ponte minuscula.

Em seguida todas desceram pelo tronco apressadamente. Ao cabo de algum tempo subia outra vez em fila a columna de formigas. Cada uma d'ellas acarretava um grão de areia.

Collocavam quatro grãos em frente que bastava para dar passagem ás intelligentes operarias.

Meia hora depois, uma ponte com a largura de quatro grãos, estava construida á largura do visco por onde podia transitar á vontade o formigueiro todo, sem o menor perigo.

**A mão de Deus.** — Falleceu ha pouco em França M. Bouquet, professor de ensino primario, o qual tomando o regimen da escola de Neuilly, em Dun, começou por excluir d'ella, com sacrilego despojo, o crucifixo.

Ao sair da aula, um alumno entreteve-se alguns momentos atirando pedras ao Crucifixo até quebrar uma perna á effigie de Jesus, que seu impio mestre havia despejado para a rua.

O infeliz rapaz, mezes depois, trepando a uma arvore cahiu fracturando-se-lhe um musculo do que morreu em breve.

M. Bouquet, transferido mais tarde par Bagnou, arrojou tambem o Crucifixo da escola, e ao arremessal-o quebrou-se uma perna á imagem de Christo.

Ha pouco passeando de bicycleta caiu quebrando um joelho, morrendo dias depois.

